ANO LVI JULHO-SETEMBRO DE 1975 N.º 279

ATOS DO CONSELHO SUPERIOR
DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

I. **Carta do Reitor-Mor** (pág. 1)
O encontro com os Inspetores — Olhar para o dia de amanhã com olhos de esperança — Rumo ao Centenário das Missões.

NÓS MISSIONÁRIOS DOS JOVENS

1. A nossa missão: evangelizar os jovens — A evangelização está ainda no começo — O quadro não é animador — A nossa resposta — Os três compromissos assumidos pelo CGE.

2. O nosso problema: como evangelizar hoje — Levar à amizade com Cristo ressuscitado — Requerem-se Salesianos bem preparados — Catequese na liturgia e na vida — Com estilo e em clima salesiano — Por detrás de jovens compromissados, há sempre um Salesiano.

3. Momentos e situações da nossa missão — Oratório e Centro Juvenil — A escola salesiana — Quando há hipertrofia de escolas — A coragem de redimensionar — Os leigos na comunidade educativa — Nossa contribuição ao movimento catequético.
Conclusão: amanhã será talvez muito tarde — Duas exortações de Paulo VI.

II. **Disposições e normas** (pág. 41)
Uma oração para o Centenário das Missões.

III. **Comunicações** (pág. 42)
1. Novos Inspetores — 2. Os Bispos salesianos — 3. Solidariedade fraterna — 4. Curso de Formação Permanente para missionários — 5. Outras notícias do Dicastério das Missões.

IV. **Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral** (pág. 50)

V. **Documentos** (pág. 52)
1. Conclusões Operacionais do Encontro Continental de Roma — 2. Conclusões Operacionais do Encontro Continental Latino-Americano — 3. Da Santa Sé: a vigilância sobre os livros.

VI. **Dos Noticiários Inspetoriais** (pág. 68)
1. A Patagônia para o Centenário das Missões — 2. Os noviços descobrem a vida salesiana — 3. A despedida de um Bispo.

VII. **Magistério Pontifício** (pág. 73)
1. Necessidade da virtude da fortaleza — 2. A Vocação.

VIII. **Necrológio** — Segundo elenco de 1975 (pág. 76)

I. CARTA DO REITOR-MOR

Roma, julho de 1975.

Irmãos e filhos caríssimos,

estou acabando de voltar a Roma, depois do encontro realizado no Brasil, com os Inspetores da América Latina. Foram oito dias de intenso trabalho, caracterizado por um sentido de realismo bem concreto, animado por fraterna e jubilosa caridade e por sincera e sentida oração comunitária. Finalidade desses dias era, concluídos os Capítulos Inspetoriais de 1974 e 1975, verificar se, como e quanto se haviam cumprido as deliberações tomadas pelos Capítulos das Inspetorias depois do Capítulo Geral Especial.

O encontro com os Inspetores

As reuniões tiveram um caráter acentuadamente prático, tendo embora como ponto de partida idéias que à vida sempre dão alma e força. Preocupamo-nos — nesse trabalho de verificação feito com grande mas serena sinceridade — em não cair na tentação de lavrar novos documentos, mas em focalizar os pontos essenciais, importantes e urgentes, que viessem à tona mediante o trabalho desses dias e em demarcar depois linhas de ação concreta sobre as quais se haveria de caminhar para realizá-los, coordenando forças, e unindo mentes e corações convictos e decididos a agir no espaço de tempo que nos separa do XXI Capítulo Geral.

Surgiram desse trabalho três pistas operacionais, que interessam à vida toda — diria alma e vitalidade — de cada Inspetoria. Embora distintas, elas num exame mesmo não muito profundo aparecem intrinsecamente interdependentes, de modo que uma supõe a outra e juntas se integram e completam mutuamente.

De aqui a importância da sua execução harmônica e sintonizada, sob pena de lacunas e disfunções que acabariam por criar ulteriormente lacunas mais graves exatamente onde cumpre reparar, reconstruir, suprir, à luz da experiência destes anos.

Prevenindo objeções, digo que essas sintéticas, ricas e resumidas linhas de ação não se sobrepõem a outras deliberações e decisões de Capítulos Inspetoriais. Pelo contrário, elas por assim dizer, assumem-nas globalmente explicando — à luz da comum experiência — elementos concretos, essenciais e urgentes para o processo integral da nossa renovação. (Renovação, deve-se lembrar, em que sob inúmeros aspectos muitas Inspetorias fizeram evidentemente bom caminho, não poucas vezes bem animador, mas renovação que não se pode dizer tenha alcançado sempre e em todas as partes as metas tantas vezes indicadas como essenciais e insubstituíveis).

Encontrareis mais adiante neste número dos Atos [1] o texto das conclusões operacionais provenientes dos dois encontros dos Inspetores da Europa e Ocidente, e da América Latina. Juntamente com um denominador de fundo comum, sinal de fundo de situações congregacionais comuns, encontrareis grifos e sensibilidades diversificadas, que manifestam ao mesmo tempo a diferença das situações.

Num e noutro encontro percebemos de modo bem realista que não podemos mais dar-nos ao luxo de ainda contemporizar no empenho de pôr em prática essas linhas de ação, que apareceram tão claramente na análise corajosa e leal da situação nas várias regiões.

Esse empenho de realização, se em primeiro lugar cabe a cada Inspetor com o seu Conselho, envolve sem mais cada Comunidade e cada irmão. Como nem se pode pensar baste a palavra e o trabalho do Reitor-Mor com seu Conselho, assim também é certo que uma ação de tamanho empenho e urgência qual a que deriva das conclusões operacionais dos encontros inspetoriais, exige a colaboração convicta e efetiva de todos. Com esta união sagrada de vontade conscientes e decididas é que se ganhará o tempo talvez perdido nestes

(1) Páginas 52-63.

anos e se darão para a frente os passos decisivos que a situação geral sensivelmente melhorada nos faz esperar.

Olhar para o dia de amanhã com olhos de esperança

Os queridos irmãos do Oriente, onde não se fez ainda a reunião dos Inspetores, enquanto esperam as conclusões do próximo mês de outubro em Bangalor, poderão tirar desde já destas conclusões muitos elementos válidos, que em grande parte, penso, irão reencontrar depois nas conclusões de Bangalor.

Como já tive ocasião de repetir ainda aos Inspetores, depois destas reuniões, especialmente ao voltar da América, encaro com otimismo o nosso dia de amanhã. Encontrei entusiasmo, trabalho, realizações, criatividade, iniciativas belíssimas e originais na pastoral em prol da juventude pobre; uma oração viva e alegre da parte dos irmãos mais jovens; em muitas Inspetorias um reflorescimento de vocações de jovens já bastante maduros; um interesse por Dom Bosco e pela vida da Congregação e, enfim, o generoso oferecer-se missionário por parte de muitos irmãos e entre eles muitíssimos jovens.

Devo dizer-vos que esse fato é particularmente animador e motivo de grande esperança. As cartas que recebo desses irmãos jovens dizem-me que na Congregação estão florescendo forças vivas e sãs que trazem à lembrança os mais do que jovens dos nossos tempos de ouro.

Como não olhar com olhos de esperança para o nosso dia de amanhã?

Rumo ao Centenário das Missões

Gostaria de insistir para que neste ano Centenário das nossas Missões todas as Inspetorias e todas as Comunidades se sintam realmente mobilizadas a fim de se fazerem animadoras do sentido e fervor missionário que é sem dúvida nota característica da nossa vocação. Meios e subsídios à nossa

disposição para esse trabalho, há-os sem conta. Oferecemos e sugerimos muitos deles: aproveitai-os com método e amor. Disso brota o entusiasmo. Disso nascem as vocações.

Neste número dos Atos já encontrareis, com relação ao Centenário das Missões, algumas indicações úteis. Recomendo-vos de modo particular a preparação cuidadosa do *Dia inteiramente espiritual de 11 de novembro.* Deve ser um dia em que toda a Congregação, em todas as Comunidades, sem barulho nem triunfalismo, se unirá na oração, na reflexão, na lembrança fraterna dos missionários falecidos, no agradecimento a Nosso Senhor por todo o bem que mediante eles a Congregação fez nestes cem anos missionários.

Parece-me uma graça especial a ocorrência do Centenário neste ano de 1975-1976, a qual pode determinar, também com a nossa cooperação, a decidida renovação depois dos anos de provação. Cabe-nos a nós, a cada um de nós, dar a própria contribuição para a construção nesse trabalho de renovação espiritual e de renascimento apostólico.

NÓS MISSIONÁRIOS DOS JOVENS

Deixai-me que agora me entretenha um pouco convosco para esclarecer a primeira das três conclusões operacionais de que vos falei pouco faz. Trata-se de *nossa Missão.* Falarei, pois, da nossa razão de ser, da nossa vocação na Igreja, e na Igreja de hoje.

Nós fomos chamados "Missionários dos Jovens". É definição tão sugestiva quanto empenhativa, neste momento da história em que os jovens estão — por razões várias — na ribalta e nós por isso somos postos em causa.

Missionários, o que implica o mandato de evangelizar — *dos jovens,* que são a porção escolhida por Dom Bosco para si e para os seus filhos, precisamente para evangelizá-los. Os jovens, é bom lembrar, representam por isso o vértice qualificado de toda a nossa presença "missionária" na Igreja e na sociedade.

Sobre Dom Bosco evangelizador pela catequese mais original e variada, há toda uma bibliografia (bastaria, de resto,

folhear as Memórias Biográficas ou algum dos mais conhecidos trabalhos no plano historiográfico).

Do saltimbanco aos domingos para os adultos, e nas férias para os seus coetâneos, ao neo-sacerdote errante pelos prados dos arredores de Turim no meio da turma barulhenta dos seus garotos, ao bom pastor que reconhece a ovelha desgarrada e a reconcilia com o Pai à beira da estrada ou na boléia da diligência postal, ao apologeta das Leituras Católicas e da História dos Papas, ao estrategista zeloso de fantasia ardente e vontade forte em contrastar a propaganda sectária, ao apóstolo das Missões no sul da América, até ao sonhador inspirado... tudo em Dom Bosco e toda a vida de Dom Bosco é expressão da sua ânsia evangelizadora. É também expressão da profunda consciência que tinha de uma missão particular e que lhe permitia apropriar-se da conhecida palavra de Paulo Apóstolo: "Para mim é um dever pregar o Evangelho. Aí de mim se não pregar o Evangelho!" (2).

1.º A nossa missão: evangelizar os jovens

A aderência ao momento histórico que estamos vivendo nos impõe perguntemos logo em que coisa concretamente se deve hoje traduzir para nós o dever de missionários dos jovens, dever que herdamos claramente de Dom Bosco.

Também nessa direção é a Igreja que nos indica com segurança, pelo seu ensinamento e ação: hoje, missão é essencialmente anúncio e educação para a fé (3).

E é a própria realidade da situação sócio-religiosa que nos orienta e leva para esta direção.

A evangelização está ainda no começo

A "velha Europa", sabemo-lo todos, tornou-se (e não é coisa de hoje somente), verdadeira e própria "terra de missão", "terra de evangelização". E não só em algumas de suas

(2) 1 *Cor* 9,16.
(3) *Diretório Catequético Geral*, n.º 6.

áreas sociais delimitadas ou ilhas sócio-culturais (como talvez pudesse parecer ou se pensasse há trinta ou quarenta anos), mas em larga e profunda medida. O fenômeno interessa hoje ao mesmo organismo da Igreja como corpo vivo e vital, além de que como lugar ou momento religioso-cultural.

E a situação nos outros continentes — ainda que por motivos diferentes — não é infelizmente muito melhor.

As proporções se inverteram: as áreas delimitadas ou ilhas são hoje os espaços da fé e se devem procurar e identificar como englobados num contexto sócio-cultural pelo menos a-religioso (no sentido genuíno que a palavra "religiosidade" tem).

Paulo VI, pouco faz, assim descrevia esta situação: "Poder-se-ia quase dizer que a evangelização está ainda no princípio! É uma visão dramática. Em muitas regiões já iluminadas pelo cristianismo, o espírito cristão está sofrendo de um mal que tem indícios de insuficiência e de infidelidade por parte dos "filhos do reino", como Cristo advertiu" [4] [5].

Eis por que a Igreja convoca todos ao trabalho da evangelização. Todos os seus documentos relativos à catequese se expressam hoje em termos explícitos, ou equivalentes, de evangelização ou reevangelização [6].

A Igreja é uma grande catequese

Diria mais ainda: a Igreja, no recente Concílio, reconheceu-se antes, e depois se apresentou a si mesma como uma grande evangelização e catequese. Catequese essa toda especial, pois que as mesmas pessoas (os Padres Conciliares) eram mestres e discípulos, apóstolos e fiéis sob a guia e a graça do Espírito Santo; evangelização e catequese verdadeira e propriamente dita, isto é, como disse João XXIII — "penetração doutrinal e formação das consciências, em mais perfeita correspondência com a fidelidade à doutrina autêntica

(4) Cf. *Mt* 8, 11-12.
(5) *Discurso de* 06.10.1974.
(6) É o que indica claramente, p. ex., o n.º 6 do *Diretório Catequético Geral.*

e esta mais estudada e exposta com os métodos da investigação e com a expressão literária do pensamento moderno" [7].

E por que não pôde o Concílio ser senão uma grande catequese? Porque a mesma Igreja é em si própria, uma grande catequese! A saber, transmissão viva de uma verdade: a Palavra de Deus [8], a Palavra de Jesus Cristo [9].

A "História da salvação", isto é, o conjunto de fatos históricos mediante os quais Deus foi realizando e continua a realizar a salvação dos seus filhos, é, ela mesma, grande, maravilhosa, divina catequese; é transmissão de verdades religiosas (a relação Deus-Homem); é um como chamamento à participação de realidades de vida cada vez mais altas, até que o Filho de Deus, fazendo-se homem na pessoa de Jesus Cristo, nos deu a possibilidade de nos enxertamos na mesma vida divina pela vida da Graça própria da Redenção [10].

A importância primordial do tema da evangelização-catequese, afirma-a também o último Sínodo dos Bispos [11] consagrado precisamente a esse tema, do que tereis tido certamente larga informação.

O quadro não é animador

Disse acima que é a própria situação atual no campo religioso que propõe e impõe essa tomada de consciência da parte da Igreja e da parte de quem quer que na Igreja, individual ou comunitariamente, participe da missão confiada por Cristo ao seu Corpo Místico.

Basta parar um instante para ver e entender; e para entender o sentido da nossa missão evangelizadora entre os jovens, não podemos deixar de procurar examiná-la no quadro maior da situação geral.

Ora, o que infelizmente a Igreja e o missionário encontram ao seu derredor, não anima nem encoraja muito.

---

(7) *Discurso de abertura do Concílio*, a 11.10.1962.
(8) Cf. *AG* 35; *GE* 4; *DH* 14.
(9) Cf. *LG* 3; *Jo* 20, 21; *Mt* 28, 19.
(10) Cf. *SC* 35.
(11) De 27.9 a 26.10.1974.

Encontra-se primeiramente profunda e vasta ignorância das verdades religiosas em geral e da doutrina cristã e católica em particular, mesmo em pessoas com preparo profissional em sua competência específica, e que só por isso se julgam bastante instruídas e competentes também nas verdades e realidades religiosas [12]. São de fato bem numerosos os que voltaram a ser incrédulos ou pagãos, um fato semelhante ao de voltar a ser analfabeto.

Depois, encontra-se uma doutrinação religiosa de nível elementar, absolutamente desproporcionada à idade e aos deveres que se devem cumprir, e, o que é pior, deformada a tal ponto que se enfrentam com desenvoltura (e... desastrosamente) problemas até graves e gravíssimos da vida, tanto individuais como familiares e sociais.

A conseqüência é que se chega afinal a tal descrédito da verdade religiosa que se rejeitam as mesmas realidades religiosas, porque tidas como insuficientes para enfrentar e resolver as grandes interrogações da vida. Deparam-se atitudes às vezes de indiferença e desinteresse, às vezes de aberta hostilidade, às vezes de condenação a *priori* com relação à Igreja e ao sacerdote (ao passo que, desde os primeiríssimos séculos do Cristianismo, um grande apologista da fé — Tertuliano — dizia voltando-se aos seus concidadãos pagãos: "Somente isto a Igreja pede, que não seja condenada sem ser conhecida").

E finalmente nega-se abertamente o fato religioso, Deus mesmo: tem-se então, a saber, o ateísmo elevado a sistema de vida, e muitas vezes a sistema de ação social e política, com todas as conseqüentes formas de violência e luta, evidentes ou súbdolas, não só contra a Igreja, mas contra o próprio senso religioso.

Jovens em situação de fé ameaçada

Nesse quadro bem negativo deve ser considerada a difícil presença dos jovens de hoje, destinatários da nossa mis-

(12) Cf. *GS* 4.

são [13]. Não se acham mais em situação de fé protegida, mas de fé ameaçada.

A declaração do recente Sínodo assinala bem esse conjunto de ameaças à fé. Em nossas discussões não esquecemos nunca dificuldades e obstáculos, antigos e novos, que parecem opôr-se à obra da evangelização. Foram até submetidos a exame atento alguns fenômenos do nosso tempo, como a secularização, que, embora apresente aspectos positivos, é todavia propensa à ideologia do secularismo, que exclui Deus completamente do horizonte da vida humana e por isso o sentido íntimo da existência; como o ateísmo nas suas múltiplas formas, que se difunde largamente em várias nações. Esses fenômenos devem ser examinados atentamente e as suas causas devem ser pesquisadas mais a fundo, a fim de que nelas se possa descobrir a voz de Deus, que exige de nós maior pureza na confissão e no testemunho da nossa fé. Nem nos escapa outra grande dificuldade, entreposta com astúcia e não raras vezes também com violência, isto é, impedir a liberdade religiosa e a vida da Igreja e até reduzi-la ao silêncio.

"Nem nos esquecemos de quantos são oprimidos, sobretudo de todos os que sofrem perseguições por amor do Evangelho: trazendo em si a boa nova da cruz, fazem eles excelente trabalho de evangelização e ajudam não pouco a Igreja toda no cumprimento da sua missão" [14].

Pluralismo ideológico e liberdade de consciência

Além desses ataques contra a fé, é preciso ter em conta outros aspectos típicos do nosso tempo.

Antes de tudo o pluralismo ideológico no campo religioso que expõe os jovens de hoje ao influxo contraditório de idéias, convicções, ideais de vida, em aguda e oposta alternativa com as concepções cristãs. É evidentemente que não serão mais os argumentos de autoridade e as posições de privilégio que vão ter valor para eles, mas tão só a força persuasiva da mensagem, do anúncio.

---

(13) *Constituições Salesianas*, 9.
(14) *Terceiro Sínodo dos Bispos. Declaração*, n.º 8.

Outro aspecto: nova consciência de liberdade pessoal, que leva os jovens a quererem ser eles mesmos artífices do próprio destino e protagonistas das opções fundamentais da própria vida. Aliás, a história testemunha a lenta, mas progressiva reivindicação, por parte da pessoa, de opções que antes eram confiadas a outros (por exemplo, a opção profissional, as várias vocações, o matrimônio, as opções políticas).

Hoje, especialmente depois da declaração conciliar sobre a liberdade de consciência [15], muitos pensam que também a religião pessoal deva ser fruto da própria escolha. Seja como for, é um fato que para muitos jovens do nosso tempo a escolha de Cristo não é algo já resolvido, mas é objeto de penosa e não fácil busca, de solução incerta.

Por que os evangelizadores não foram suficientes?

Certamente não é para contradizer quanto vos escrevi ultimamente sobre nosso dever de olhar para o nosso tempo com o otimismo de Dom Bosco [16], que vos apresentei ilustrando brevemente esse quadro. Muito pelo contrário! É exatamente para que o otimismo não seja nem ilusão nem alienação, e precisamente sobre um ponto tão importante qual o da evangelização.

Paulo VI perguntou explicitamente dirigindo-se aos cristãos e passou a pergunta a nós que nos devemos sentir postos em causa, diria, pessoalmente: "Em nossos dias tempestuosos e decisivos de que é que a evangelização está precisando? *Está precisando de homens.* E é uma resposta tão simples que pode provocar uma resposta evasiva: já sabíamos! Atenção! se já se sabia, por que faltaram os homens? ou, pelo menos, por que não foram suficientes?

"E hoje que a reflexão sobre o sacerdócio comum nos lembra que todo cristão, todo batizado traz dentro de si uma vocação missionária, um chamamento ao apostolado, isto é, à honra e responsabilidade da difusão do Evangelho, como é

(15) *Dignitatis Humanae*, de 01.12.1965.
(16) Cf. *ACS* n.º 178, abril de 1975, pág. 10.

que a Evangelização ainda hoje se faz com tamanhas dificuldades e canseiras? Se sabíamos já que a economia do Evangelho se baseia no concurso livre e cheio de boa vontade, mas moralmente exigente, da parte de todos os cristãos, a falta de homens que façam do apostolado um programa de vida não se transforma em acusação contra a indolência e infidelidade de tantos seguidores de Cristo, que não são zelosos de Cristo, que são talvez desertores"? (17).

Homem de grande experiência mundial, em sintonia com esta visão, o Padre Van Straaten sintetiza deste modo a delicada situação dos jovens: "A ordem é impunemente perturbada por bandidos, raptores, seqüestradores de aviões, anarquistas e revolucionários fanáticos, recrutados quase sempre de entre gente jovem desesperada e aflita.

"Nada mais perigoso do que uma juventude desesperada e aflita. Da aflita juventude alemã após a primeira guerra mundial surgiu Hitler com os seus fanáticos SS. E a desesperada juventude que cresceu na Rússia durante a guerra civil vive traumatizada e ainda hoje se manifesta com desconfiança mui perigosa para com os atuais dirigentes soviéticos. Que desgraças nos aguardam ainda se não conseguirmos dar um futuro, um ideal a essa desarraigada juventude dos nossos dias?

"O cristianismo deve enfrentar uma prova de força, pois Cristo morreu e ressuscitou também por esses jovens, prossegue o P. Van Straaten. E pergunta: Temos ainda a força interior para continuar a obra redentora de Cristo e salvar essa juventude?"

A nossa resposta

Em face de uma situação como essa e em perfeita sintonia com uma advertência tão cheia de preocupações, nossa Congregação já assumiu o seu compromisso: O CGE não só tratou a fundo e seriamente do assunto, mas ainda deu "orientações operacionais" particularizadas e concretas, corajosas e atuais. Várias vezes de modo particular insistiu em declarar que evangelização e catequese são critérios de au-

(17) *Discurso* de 30.10.1974.

tenticidade e renovação concreta das nossas obras e comunidades.

Eis algumas afirmações do CGE:

Antes de tudo traz e apropria "quanto o Capítulo Geral XIX já afirmava com autoridade: Os Salesianos, consagrados ao serviço dos jovens, principalmente os mais pobres, para serem entre eles presença eficaz do amor de Deus, consideram a catequese juvenil como a primeira atividade do apostolado salesiano, atividade essa que exige por isso se repensem e organizem todas as obras em função prevalente da formação do homem para a fé" (18).

Mas o CGE vai além: "Todo Salesiano, além de ser catequista, deve sentir-se formador de catequistas e toda comunidade salesiana deve estudar o modo de se transformar em grupo de evangelização e centro de promoção da catequese" (19). E repisa: "A comunidade (salesiana) será salesiana na medida em que for evangelizadora" (20).

Trata-se, pois, de algo sumamente empenhativo, que não pode ser improvisado ou deixado à boa vontade de uns poucos pioneiros. Trata-se ainda de algo decisivo para o futuro da Congregação, que precisamente nisso, poderíamos dizer, arrisca o seu futuro condicionado pela sua generosa disponibilidade aos "sinais dos tempos" como expressão de uma educação providencial.

As constatações do pós-Capítulo

Os Capítulos Inspetoriais de 1975 e os Encontros Continentais, previstos pelo CGE, confrontaram e estão confrontando se o compromisso assumido pela Congregação passou para a realidade vivida destes três anos.

Resulta em geral que alguns passos se deram, mesmo se não muitos... É preciso, à luz da experiência, sobre alguns pontos de particular importância e urgência intensificar e

(18) *CGE*, n.° 279.
(19) *CGE*, n.° 333.
(20) *CGE*, n.° 339.

acelerar, em outros retificar e precisar mais e melhor, onde quer que se realize o trabalho salesiano, que deve ser cada vez mais entendido em função evangelizadora.

É interessante e bem significativo saber quanto, como conclusão dos dois Encontros Continentais dos Inspetores, foi dito e assinalado sobre esse tema tão salesiano, com sentido de responsabilidade consciente, com sinceridade humilde e com decisão enérgica.

Os Inspetores da Europa afirmam: "Temos consciência da urgência de enfrentar as exigências que a situação atual dos jovens nos apresenta no plano de sua evangelização e educação para a fé... A educação dos jovens para a fé não pode ser considerada só como um dos setores da atividade, mas como *dimensão permanente* de todo o nosso trabalho pastoral, em qualquer setor e estrutura que se faça (escola, oratório-centro juvenil, paróquia...)" [21].

Por sua vez os Inspetores e os Delegados da América Latina, depois de se terem referido à análise da situação feita nas reuniões e às falhas encontradas, afirmam que "assinalaram metas atuais de compromisso que os obrigam a uma estratégia de programação comum para os próximos anos". Reconhecem que tomaram consciência de que "uma área prioritária desse empenho urgente para com a juventude latino-americana é a da evangelização e catequese; dimensão prioritária que deverá orientar e determinar todas as nossas iniciativas pastorais: reestruturação das obras, novas presenças, qualificação do pessoal, currículo de formação, etc. [22]" [23].

É esta a nossa missão. Precisam dela, pedem-na os jovens desgarrados, iludidos, manipulados por um sistema inteiro de escravização psicológica e ideológica de variadas e contrárias procedências.

Nas manifestações exasperadas e extremistas a que muitas vezes assistimos no campo juvenil, pode-se ver já clara-

---

(21) *"Conclusões operacionais"* do encontro continental de Roma.
(22) Cf. *CGE*, n.° 279, 328, 361.
(23) *"Conclusões operacionais"* do encontro continental da América Latina.

mente o efeito de uma carência de evangelização que, antes de responsabilizar os destinatários que são os jovens, deve ser imputada aos responsáveis que são os educadores, os formadores, os apóstolos.

A nossa missão, exigem-na os tempos e situações em que vivemos e de que vivemos (Paulo VI fala dos nossos "dias tempestuosos e decisivos!"), estas e aqueles certamente muito mais difíceis, mas precisamente por isso bem mais exigentes e carregados de crescimento e conseqüências e vencimentos aproximados.

Mas tudo isso supõe algo mais do que um simples diagnóstico, embora seguido de propósitos genéricos (coisas todas que sozinhas nada resolvem na prática). É necessário concretamente prever um conjunto de ações e iniciativas devidamente sintonizadas que com os destinatários atinjam também métodos, meios e lugares e, depois, os tempos da nossa atividade evangelizadora mediante a catequese.

Desta necessidade se aperceberam os Inspetores nas constatações dos Encontros Continentais e tiraram conseqüências práticas (como resulta das conclusões operacionais publicadas neste número dos Atos).

Os três compromissos assumidos pelo CGE

Nesta carta, sobre o complexo mas importante tema não pretendo dar indicações completas, mas lembro que o próprio CGE assinalara um inteiro programa de caráter geral, que contém os pressupostos sem os quais quer os propósitos e métodos, quer os meios se tornam adminículos ilusórios.

O CGE diz textualmente: "O XX Capítulo Geral põe o fulcro da renovação nas comunidades salesianas que, por sua vez, devem efetuar uma mudança de mentalidade, adotar um novo estilo comunitário de reflexão e ação e tornar-se presentes no mundo de uma forma nova" (24).

Como se vê, trata-se de três momentos ou elementos de importância capital:

(24) *CGE*, n.º 339.

1.º efetuar uma mudança de mentalidade;

2.º adotar um novo estilo comunitário de reflexão e ação;

3.º tornarem-se presentes no mundo de uma forma nova

Primeiro: efetuar uma mudança de mentalidade

O documento capitular tem consciência desta necessidade desde o início, quando declara que "não pretende enumerar princípios de maneira exaustiva, mas quer sobretudo fazer sentir a urgência de uma mudança de mentalidade no campo da evangelização" (25).

Precisamos de mudança profunda de mentalidade porque hoje a catequese já não é a de outrora. Quereria que essa realidade fosse sincera e efetivamente reconhecida por todos, especialmente por quem já é de certa idade. Muitos catequistas, mestres de religião, animadores pastorais desanimam hoje por já não serem capazes de fazer o que talvez tenham feito com êxito por muitos anos. Talvez não tenham sabido ter em conta as mudanças profundas que transformaram em poucos anos a sociedade, a juventude, os critérios pastorais, as metodologias catequéticas, porque a nova sociedade audiovisual criou um novo tipo de homem, um novo modo de ver o mundo, uma nova linguagem. Nós, adultos e pastores, temos que "aprender" essa linguagem, para com ela expressar a mensagem evangélica.

O Diretório Catequético Geral faz eco a esta preocupação: "A renovação (catequética) parece hoje correr perigo principalmente por parte dos que não conseguem ver toda a profundidade da renovação que se deseja, como se se tratasse só de remediar a ignorância religiosa. Para eles o remédio suficiente seria incrementar a instrução catequética. É evidente que tal remédio não pode ser de modo algum adequado à realidade. O que se deve renovar é a própria linguagem catequética: trata-se de uma renovação que diz

(25) *CGE*, n.º 274, 1.

respeito não só à catequese dos meninos mas também a educação permanente dos adultos, para a fé" [26].

Requer-se, pois, uma mudança de mentalidade, que supõe e, se necessário, pode impor verdadeira e própria "conversão", no sentido de refundir e recompor de maneira radical os próprios parâmetros de conceituação e ação pastoral. É uma lei de vida e bem sabemos que a vida impõe à natureza também saltos de qualidade, duros, mas necessários!

Segundo: adotar um novo estilo comunitário

A dimensão comunitária da pastoral catequética aparece hoje como exigência de primeiro plano. "A catequese deve necessariamente apoiar-se no testemunho da comunidade eclesial. Ela, com efeito, fala mais eficazmente com o que de fato existe e é vivido, de maneira também visível, pela comunidade. O catequista é de algum modo o intérprete da Igreja junto daqueles aos quais se dirige a catequese" [27].

Quanto aqui se afirma da comunidade eclesial, vale também necessariamente (e ainda mais) para a comunidade religiosa. Cada uma das nossas comunidades faz catequese muito mais pelo que é do que por aquilo que diz. Passou o tempo em que a catequese podia ser confiada a qualquer membro da comunidade, enquanto os outros podiam dar-se a outras ocupações e sentir-se como dispensados desse mandato.

A catequese vai assim além do limite da aula de religião para empenhar toda a atividade da comunidade numa ação educativa cristã e orgânica de conjunto. Diretores e animadores de grupos, mestres de religião e de matérias profanas, assistentes e irmãos, são todos responsáveis desse amplo compromisso de catequese.

Toda a comunidade educativa salesiana é por isso chamada a dar testemunho concreto do que é anunciado na catequese [28].

---

(26) *Diretório Catequético Geral*, n.º 9.
(27) *Ib.*, n.º 35.
(28) Cf. *CGE*, n.º 318-321.

Sem essa correspondência na comunidade, a catequese acabaria por parecer lição abstrata sem credibilidade... "Como não se concebe uma comunidade cristã sem uma boa catequese, assim não é possível uma boa catequese sem a participação de toda a comunidade" (29).

Assim é que a atividade catequética exige da comunidade religiosa constante empenho de contínua e progressiva "conversão" para um testemunho vivo de fé e caridade.

Essa exigência está hoje mais aprofundada e tornou-se mais urgente por motivo da nova acentuação evangelizadora que caracteriza a pastoral catequética. Não se trata só de admitir uma ampliação do conhecimento da fé, mas de criar possibilidades autênticas de redescobrir o *valor vital* da opção cristã. Serão nossas comunidades tão persuasivas que levam os jovens a convencer-se de que vale mesmo a pena serem ainda cristãos? É essa uma pergunta que não devemos eludir, para se chegar a uma resposta construtiva.

Terceiro: tornarem-se presentes no mundo de uma forma nova

Também essa exigência constitui tema amplo de reflexão e empenho. A ação catequética hoje está mais condicionada pelo modo global de viver a relação com o mundo do que pela simples modernização de métodos e técnicas.

Mesmo sem chegar a processos horizontalistas, devemos sublinhar a estreita relação entre compromisso evangelizador e atitude de serviço nos confrontos com o mundo: "O Evangelho não terá credibilidade se o cristão não procurar enfrentar e resolver os grandes problemas do mundo, imergindo-se neles" (30).

Todos conhecemos a famosa sentença de Ghandi: "Para muitos homens a idéia de Deus tem a expressão de um pedaço de pão"! As nossas comunidades não serão evangelizadoras se se fecharem em si e nas próprias atividades, mesmo che-

(29) *CEI, Il rinnovamento della Catechesi,* n.° 200.
(30) *CGE,* n.° 315.

gando a organizar impecável atividade de catequese. De algum modo acontece o contrário: quanto mais se abrem, quanto mais se atiram (como Dom Bosco e os nossos grandes e verdadeiros missionários) para ir de encontro às necessidades da gente, tanto mais eficazmente evangelizadores e portadores da fé hão de ser.

O nosso CGE nos lembra esse dever como "empenho pela justiça", pela libertação dos oprimidos, empenho social e político por uma sociedade menos desumana [31]; como nos recorda o Sínodo dos Bispos de 1971: "Trabalhar pela justiça e tomar parte na transformação do mundo aparece claramente como dimensão constitutiva do Evangelho, isto é, da missão da Igreja pela redenção do gênero humano e libertação de toda situação de opressão" [32].

Com razão os Inspetores da América Latina lembram sobre esse argumento Dom Bosco que trabalhava pela verdadeira justiça mais do que perder-se em denúncias e contestações que muitas vezes provocam profundas divisões e reações que se sucedem em cadeia.

2.º O nosso problema: como evangelizar hoje

Desçamos agora a pontos mais particulares. A evangelização-catequese nas suas "formas", — isto é, enquanto se refere a métodos e meios que tornem a Palavra divina e evangélica plenamente fiel, plenamente eficaz como transmissão da verdade, da doutrina evangélica, do mistério da salvação — é "introduzida", por assim dizer, pela Igreja com uma condição essencial de fundamental importância e gravidade, que se articula deste modo:

— convicção pessoal antes de tudo, e ao mesmo tempo

— conversão pessoal, e

— riqueza pessoal superabundante de verdade e de graça.

---

(31) *CGE*, n.º 67-77.

(32) *A justiça no mundo, Introdução.* Cf. também *Sínodo* de 1974, n.º 14.

Numa palavra, o que o catequista der aos outros, seja quem for, sobretudo se jovens, não será senão a superabundância, a exuberância de verdade e graça de que estão cheias a sua mente e a sua alma, em generosa coerência com as próprias convicções e com o amor a Cristo Redentor.

Eis o que a respeito diz o Concílio, falando a todos os filhos da Igreja (a fortiori, a nós): "Saibam todos que o primeiro e principal dever que têm em ordem à difusão da fé é o de viver uma vida profundamente cristã" (33); torna-se "vão pregador da palavra de Deus externamente quem não a escuta internamente" (34) (sem essa escuta, qualquer método carece de eficácia e é até perigoso, por certo não segundo a mente de Cristo e da Igreja). São todas afirmações baseadas em profunda realidade e nos devem levar a sérios exames de consciência.

Levar à amizade com Cristo ressuscitado

O empenho catequético é, pois, dimensão constante de toda atividade educativa, e não só um seu setor específico. Faz-se catequese com a liturgia, com a cultura religiosa e profana, com as atividades e expressões de grupo, com todas as modalidades da nossa ação educativa, mas sobretudo com o testemunho vivo da comunidade e de cada um dos seus membros.

Ponto culminante, meta à qual deve convergir toda a nossa ação de evangelização e catequese, toda a ação de inteligência, de amor, de técnicas modernas aplicadas que precedem, ladeiam, potencializam o ponto culminante, não é uma verdade mas uma realidade, antes, é uma Pessoa: é a figura irradiante de uma Pessoa que sintetiza em si toda a obra da salvação, é Cristo Jesus, o Redentor!

Dizem as nossas Constituições renovadas: "Educar para a fé é antes de mais nada levar à Pessoa de Jesus Cristo, o Senhor ressuscitado. Seja, pois, a nossa ciência mais eminente conhecê-lo, e a alegria mais profunda, revelar a todos as in-

(33) *AG*, n.º 36.
(34) *DV*, n.º 25, citando Agostinho, *Sermones*, 179, 1.

sondáveis riquezas de seu mistério, a fim de que, descobrindo que sua existência encontra n'Ele e no seu Evangelho o sentido supremo, cresçam como homens novos. Aceitando a Cristo, são por Ele conduzidos à intimidade do Pai, para adorá-lo em espírito e verdade e para servir a seu Reino" (35).

É exatamente para essa amizade, amor, intimidade com Cristo Redentor que se deve orientar, convergir, mirar a ação da nossa catequese evangelizadora: quer a ação do ensinamento no sentido próprio, quer a ação do testemunho; testemunho esse que será dado mediante procedimento tão iluminado pela *Verdade* que é Cristo Jesus, tão alimentado pela *Vida* que é ainda Cristo Jesus, que torna fácil aos que nos escutam e observam (ou só nos vêem e julgam) encontrar e encaminhar-se por esse *Caminho* que é ainda e sempre Cristo Jesus (36).

O encontro se dá na Eucaristia

O momento culminante do encontro, como cumprimento de toda verdadeira e autêntica catequese, é — sempre segundo o Concílio — a Eucaristia, o mistério eucarístico, compreendido enquanto é possível pela nossa inteligência, acolhido em plenitude pela nossa fé, vivido pessoalmente na participação mais consciente e generosa do mistério pascal da morte e ressurreição de Cristo Redentor: "A Eucaristia se apresenta como fonte e ponto culminante de toda a evangelização, de modo que os fiéis, uma vez marcados com o caráter do Batismo e da Confirmação, inserem-se plenamente no Corpo de Cristo pela recepção de Eucaristia" (37).

Pensamos então espontaneamente em toda a tática de educador cristão do nosso Pai, a qual tinha como eixo a Eucaristia, aliada ao sacramento da reconciliação. Trata-se de um elemento que qualifica toda a nossa missão educativa.

Resta perguntar que lugar tem na vida da comunidade educativa a Eucaristia e a iniciação dos jovens em uma com-

---

(35) *Constituições*, 21.
(36) Cf. *CGE*, n.º 22 e PAULO VI, *Discurso* de 3.2.1965.
(37) *PO*, n.º 5, conf. *SC*, n.º 35.

pleta, consciente e ativa experiência da vida litúrgica. "Os encontros freqüentes com Cristo nos sacramentos da Eucaristia e da Penitência — recordam-nos as Constituições — oferecem recursos de valor excepcional para a educação à liberdade cristã, à perseverança na conversão, à vida fraterna e generosa na comunidade eclesial" (38).

Requerem-se salesianos bem preparados

Tudo isso naturalmente não se improvisa nem no plano individual nem no comunitário: requer-se preparação, em várias formas e graus, segundo as próprias possibilidades, responsabilidades, exigências de ambiente a que se volta nossa ação evangelizadora.

A preparação do pessoal verdadeiramente qualificado no setor da pastoral catequética é o ponto nevrálgico de toda a programação catequética de nossa Congregação, sem o qual ficam letra morta as deliberações mais corajosas e os programas mais bem elaborados.

Com um grupo de peritos em número suficiente poderemos rever métodos de ensino religioso, animar os irmãos, dar-lhes assistência, com competência, na difícil tarefa de comunicar a Palavra de Deus à juventude do nosso tempo, promover iniciativas para a formação dos catequistas e dos pais, etc.

Numa palavra, uma programação decididamente renovadora na preparação catequética do nosso pessoal em todos os níveis, parece-me questão prioritária para a renovação da Congregação.

O vasto campo reservado aos peritos

Para isso impõe-se a preparação de pessoas verdadeiramente qualificadas no setor da catequese (disso todo Inspetor tem absoluta necessidade), pessoas empenhadas com tempo integral neste setor. Principalmente:

---

(38) *Constituições*, 23.

a) para o *ensino da catequese nos estudantados,* em muitos dos quais ou não existe de modo algum, ou é reduzido à expressão mais simples! É um fato muito grave. E o importante não é tanto haver em nossos estudantados a catequética como matéria (talvez dada como curso concentrado em poucas semanas por professores externos), quanto estar a atenção pedagógico-catequética continuamente presente durante todo o período formativo, a animar toda a formação, de maneira a criar um ambiente verdadeiramente favorável ao desenvolvimento do espírito educativo-catequético (como o CGE recomenda) [39];

b) para a *colaboração com a Universidade Pontifícia Salesiana* (Instituto de Catequética), que hoje tem duas linhas de orientação: teológica e metodológica; e com os *Centros Catequéticos Salesianos* (como os de Turim-Leuman, de Madri, ou outros semelhantes na própria nação) no que se refere a pesquisas, publicações, cursos de estudos, etc. Deve-se notar com viva satisfação o compromisso assumido pelos Inspetores no recente Encontro Continental da América Latina, de criar dois desses importantes Centros, respectivamente para a área de língua espanhola e para a de língua portuguesa;

c) para a *colaboração em nível inspetorial* na formulação da programação catequética e de pastoral juvenil;

d) para a *colaboração* com as F.M.A. e para a Família Salesiana em cursos para catequistas ou de atualização;

e) para a *colaboração,* que tanto se pede neste setor, *em plano diocesano e nacional.*

Os grupos de peritos em catequética darão azo a que se promovam de maneira mais adequada a formação e a atualização catequética dos outros irmãos, em vários níveis:

em nível operacional intermediário, com a preparação de animadores e peritos para paróquias, escolas, centros juvenis, no que se refere à programação e estruturação da ação pastoral-catequética em plano inspetorial e interinspetorial;

---

(39) Cf. *CGE,* n.º 341.

em nível da formação ordinária de todos os Salesianos, especialmente (como já se disse) nos períodos de formação filosófica, teológica e pastoral;

em nível da atualização contínua de todos os Salesianos, (verdadeira "formação permanente" do nosso pessoal), no desenvolvimento da missão que têm de promoção e evangelização;

em nível de animação da missão catequético-educativa de toda a Família de Dom Bosco: Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Voluntárias de Dom Bosco, Cooperadores, Ex-alunos, etc.

Catequese na liturgia e na vida

Desçamos ainda mais ao concreto. A evangelização mediante a catequese está em íntima relação com a ação litúrgica e a vida dos grupos e de nossas associações [40] também no que se refere à disposição dos horários e organização das várias atividades. O Reino de Deus que é anunciado na catequese precisa ser "celebrado" na liturgia e "participado" na vida de comunhão.

Em nossos ambientes deve por isso ser fomentada uma equilibrada atividade e inventiva, na preparação das Missas, na celebração dos sacramentos, na progressiva descoberta e compreensão dos "sinais litúrgicos".

Têm aqui todo o seu melhor lugar e campo de ação, de acordo com a melhor tradição salesiana, as associações, com os seus grupos mesmo "informais", que constituem "lugar privilegiado" onde a Palavra de Deus é acolhida, assimilada, comparada com os problemas concretos que apresenta continuamente a vida cotidiana. O educador-catequista salesiano leve os seus jovens a aceitar a palavra de Deus "como abertura aos problemas que têm, resposta às perguntas que fazem, crescimento dos seus próprios valores e ao mesmo tempo satisfação das aspirações que sentem" [41].

Na visão cristocêntrica de que falei acima, atingem-se os grandes e tradicionais valores salesianos da piedade sacra-

(40) Cf. a esse respeito *CGE*, n.°s 321-326.
(41) *CEI*, o.c., n.° 52.

mental e sobretudo eucarística, da devoção a Nossa Senhora, Mãe de Jesus, e de uma adesão toda particular ao Papa como centro de coesão da Igreja. É nesta síntese que esses valores se sistematizam e se potencializam.

Apenas é bom lembrar que esse trabalho — inteligente, cuidadoso, sacrificado, sobrenaturalizado — não se pode resolver em trabalho de massa, mas deve absoluta e necessariamente tornar-se, em dado momento e na medida do possível, trabalho personalizado, personalizante, precisamente como faz a graça. Em nosso apostolado com os jovens deve-se-lhes tornar acessível um serviço de orientação e direção espiritual pessoal.

Com estilo e em clima salesiano

Muito do que indicamos até agora é comum a toda pedagogia de evangelização. Não podemos pretender dizer palavras nem novas nem definitivas neste campo, que é vasto como a Igreja e tem a mesma idade do Evangelho.

Mas, como dizíamos a princípio, nós estamos na Igreja, de modo eminente, para os jovens. Podemos, então, falar de um "clima salesiano" de ação pastoral e apostólica (aliás não somos somente nós que o reconhecemos) [42]. Presença amiga, clareza cristã, pedagogia de educação para a liberdade podem e devem ter no campo juvenil um estilo: "estilo salesiano". Não é o caso de estar aqui a demonstrá-lo.

A educação para a liberdade

Parece-me que devo acrescentar uma palavra sobre a educação para a liberdade. Ela é hoje de modo especial necessária, e é elemento de primeira ordem para formação cristã do jovem, consciente e segura. Mas não se pode confundir educação para a liberdade, que faça o jovem amadurecer conscientemente as suas opções com um agnosticismo ou, pior, com um desleixo, por parte do educador salesiano, de qualquer proposta e orientação ou motivação religiosa ou moral, de que o jovem tem por sua natureza necessidade, a

(42) Cf. PAULO VI, *Discurso ao Capítulo Geral XIX*, a 21.05.1965 nos Atos do XIX Capítulo Geral, pág. 360-362.

que tem todo o direito, e que nós, exatamente por causa do nosso mandato, temos estrita obrigação de oferecer com métodos e modos oportunos e eficazes.

Não falo do caso anormal de um educador que apresentasse ao jovem doutrinas e orientações em contraste ideológico ou pastoral com o ensinamento da Igreja; nem é preciso dizer que ao menos objetivamente se deveria falar de verdadeira traição da vocação e missão confiada ao Salesiano pela Congregação. Os jovens não são refratários à educação para a liberdade, mas exigem dos educadores que saibam realmente, com inteligência, cultura, método, compreensão do que são, prepará-los a usar retamente da liberdade.

Dom Bosco não só aceita estas razoáveis exigências que manifestam — quanto lugar dava ele, na educação, à razão! — mas não hesita empenhar os jovens a se fazerem colaboradores seus para ajudá-los a educar cristãmente outros jovens. E num momento em que a "política" cobre área tão relevante do interesse humano, em geral, e em particular dos jovens, não é maravilha alguma que entre como elemento na economia da evangelização, não certamente como corrosivo dos tecidos orgânicos da comunidade juvenil e salesiana, mas como instância pastoral sempre mais sentida na sua gravidade e urgência.

Liturgia, canto, teatro, esporte

Tornando ao clima salesiano, na mesma liturgia podemos e devemos transformar alguma coisa de eminentemente característico do espírito e clima que é todo nosso, conservando precisamente na ação litúrgica toda a incidência formativa que Dom Bosco lhe dava e sabia nela infundir [43].

Também as formas novas e os novos instrumentos de comunicação, no momento litúrgico conservarão para nossos jovens toda a dignidade que lhes é própria, nem insulsos nem desleixados, mas ricos de sentido e valor.

E com a liturgia também toda a nossa bagagem — chamêmo-la assim — de nossa pedagogia salesiana, que já é de

(43) Cf. *Constituições*, 23.

domínio comum: canto, teatro, esporte, etc., mais uma vez não fins a si mesmos, mas valorizados na sua orientação de função de amadurecimento humano completo, cada vez mais completo.

Presença amiga

No tema de clima e estilo salesiano gostaria ainda uma vez salientar toda a importância da "presença amiga" do Salesiano no meio dos jovens. É questão de valores salesianos, de Dom Bosco, que são eficazes sempre e em toda a parte.

Ouvi nestes últimos tempos Cooperadores nossos (esses nossos irmãos muitas vezes nos fazem refletir!) exclamar: "Como?! Os Salesianos, feitos para os jovens abandonados, abandonam os que têm e já não ficam com eles?"

A presença amiga entre os jovens é o "momento" por excelência para nós Salesianos de evangelizar (tome-se embora a palavra num sentido bem lato, é, porém, ainda mais incisiva e duradoura), é o exemplo, é o sistema educativo de Dom Bosco. Não foi sem pensar que o colaborador do Abbé Pierre, que já recordamos outra vez, nos dizia: "Por caridade, fechai embora cem casas, deixai embora inúmeras obras, não abandoneis, porém, Dom Bosco e o seu sistema!" O sistema de Dom Bosco, que tem precisamente como centro e chave a presença do Salesiano entre os jovens.

Gostaria de vos convidar a serdes sensíveis a essa característica que tem incidência profundamente positiva na educação humana e cristã do jovem e a meditar o convite que sobre esse ponto nos fazem nossas Constituições [44] e o CGE [45].

Associacionismo

O Sínodo celebrado pouco faz advertiu também de modo pleno a exigência da presença dos jovens no momento da

(44) Cf. art. 16 e 25.
(45) Cf. n.° 188, 361-365 (de modo particular o n.° 363).

evangelização em ato: "De modo especial nos dirigimos aos jovens que não se querem considerar só como objeto da evangelização, mas também como idôneos a evangelizar os outros e sobretudo os coetâneos. Além disso estamos persuadidos de que os jovens, enquanto busquem os valores fundamentais do Evangelho e reclamem verdadeira autenticidade em entender a fé e em testemunhá-la, chamem a atenção de nós que somos adultos e nos constranjam a renovar sem cessar o nosso compromisso de evangelização" (46).

Esse empenho juvenil toma hoje o nome de "Associacionismo", com todos os movimentos e grupos juvenis pelos quais se manifesta: das atividades esportivas às atividades culturais e artísticas, pelas publicações ocasionais e periódicas e outros meios modernos de comunicação, até aos empenhos de caráter espiritual e social e aos empenhos mais formal e propriamente apostólicos e missionários. Vamos dizer uma palavra também sobre esse ponto tão interessante para o nosso ambiente.

Bem sabemos da crise em que até na Igreja caíram as grandes organizações juvenis. Fala-se de crise do associacionismo.

Também em nossa família as associações tradicionais, e ainda as não tradicionais, tiveram a sua crise. Talvez devamos dizer que se deixaram desaparecer, sem contudo pensar como substituí-las e supri-las adequadamente.

O fenômeno faz parte e é sinal de algo mais amplo e profundo, que, na década de 70, violenta e repentinamente fez desmoronar muitas instituições.

Mas vamos constatando que sobre as cinzas e restos de associações desaparecidas, de todo ou quase, nestes últimos anos têm surgido ou se estão reconstruindo, com estilo diverso e nas linhas de novas sensibilidades, grupos, movimentos, associações: nomes diferentes, formas e estilos diferentes, escopo e finalidades várias, muitas vezes com verdadeiro empenho espiritual e apostólico. Um fato, no entanto, fica garantido: os jovens não sentem alergia em se reunirem e encontrarem, para realizarem juntos algo que lhes desperte

(46) *Declaração do Sínodo*, n.º 5.

interesse. Mas têm novas exigências, que devemos levar em conta.

Outra constatação é que, sensibilizados no modo devido, meninos e jovens de hoje, não são apáticos para se reunirem e realizarem alguma coisa mesmo de índole estritamente espiritual. Exigem muito tempo, vão ao extremo, querem o essencial, não apreciam muitas estruturas. Aceitam, porém, o adulto, o sacerdote que sabe compreendê-los e se apresenta sem pretensões, mas como testemunha autêntica, que sabe sacrificar-se. São abertos ao contato com Cristo. Amam a oração, mesmo a oração que é feita de longa meditação. São de uma generosidade que causa maravilha, no serviço ao próximo, especialmente aos que mais precisam.

São inúmeros os elementos positivos com que se pode contar para retomar em novas formas o assunto (chamemo-lo assim) do associacionismo. Exterioridades e formalidades têm um valor cada vez menos importante.

Por detrás de jovens compromissados, há sempre um Salesiano

Dom Bosco não ficaria inativo diante dessas almas, mas levado pelo amor (a chave é essa!) acharia modo de amalgamar esses jovens para levá-los a Cristo.

A chave é essa: precisa-se do homem, do sacerdote, do salesiano como Dom Bosco, que saiba despertar o interesse e conquistar esses jovens. De fato, e se se olhar bem, por detrás desses jovens "neo-cristãos" ou "cristãos de tempo integral" (como os chamava um jornalista, dando a essas palavras um sentido mais de respeito cheio de admiração do que de ironia), há o Sacerdote que antes de mais nada vive intensamente o seu sacerdócio, que reza, estuda, ama a Igreja com suas rugas e misérias humanas, não se perde em contestações estéreis, mas transmite aos jovens com a riqueza da boa doutrina, a segurança e alegria que brotam da sua vida, da fé vivida, do seu coração em sintonia de amor com Cristo e com o seu Vigário na terra. Não era assim, não fazia assim Dom Bosco? Desde a famosa Sociedade da Alegria até às muitas associações que ideou e fundou para levar seus meninos a Jesus Cristo e à sua lei de amor?

Pois bem, caríssimos, nós que temos conosco (assim é que falam de nós) tantos e tantos jovens, aos milhares, como é que não temos entre os nossos irmãos quem possa ressuscitar ou formar turmas de jovens com essa fé e dessa têmpera?! Devemos examinar o peso dessa pergunta: motivo deve haver e penso que não será fácil descobri-lo. O que importa, talvez, é tirar as conseqüências concretas dessa resposta.

Para nosso conforto, mesmo em parte, é de justiça lembrar que nos últimos anos, há, em nossa família, iniciativas e esforços para dar vida a movimentos juvenis, a formas novas de associacionismo também com escopo de evangelização, tanto na Europa como na América. E já se vêem, aqui e ali, resultados animadores, até em plano missionário.

Conheço excelentes Coadjutores que promovem e animam, no mais rico sentido da palavra, vários desses movimentos, que se desenvolvem também fora de casa, e dos quais já surgem ótimas vocações.

Imagino que bem irradiante poderão fazer no dia de amanhã esses grupos de jovens, quando adultos de preparação sólida e robusta, de vontade límpida e generosa, de doutrina segura.

3.º Momentos e situações da nossa missão

O que disse até agora vale para a nossa missão juvenil de evangelização-catequese em suas várias expressões e formas. Agora poderemos fixar com proveito nossa atenção nos tempos e momentos particulares da nossa ação pastoral (dos quais alguns já apareceram em nossa explanação); tempos e momentos que se vão precisando nas várias "situações" e servem com estilo variado à missão única.

Estas "situações", estes "lugares preferenciais de ação", só ao mencioná-los, trazem à lembrança todo um contexto de idéias, pessoas, tradições, apelos, incitamentos, recomendações, que temos bem presentes e que, de resto, foram devidamente tratados em documentos recentes.

Eis, pois, de maneira bem rápida, alguma reflexão a esse respeito.

Oratório e Centro juvenil

No oratório ou centro juvenil a catequese se apresenta no seu aspecto primário de evangelização e anúncio de salvação, pelo fato de que os jovens o freqüentam espontaneamente, numa experiência de Igreja e de integral promoção humana muitíssimo eficaz e preciosa.

O Capítulo Geral Especial muito insistiu para que se desse nova vida a essa atividade que caracterizou a obra de Dom Bosco, que o tornou popular, que lhe granjeou a simpatia do mundo e os corações de milhares de jovens.

Sem se prender à formalidade dos nomes que essa idéia "bosquiana" pode ter em nações, tempos e situações diversas, o oratório com a flexibilidade e escala infinita de possibilidades das mais variadas iniciativas, com estruturas reduzidas ao essencial, aberto a tantos meninos sem condicionamentos econômicos, disciplinares, estruturais, com ar de liberdade, espontaneidade e amizade que o menino respira nela a plenos pulmões, representa serviço verdadeiramente popular de evangelização eficaz e simples, especialmente para os pré-adolescentes; não só para eles, porém.

Poucos salesianos, generosos e entusiastas, ricos de zelo apostólico, com a colaboração de leigos, empolgados por esse ideal, provindo muitas vezes do mesmo Oratório ou Centro juvenil, podem realizar obra capaz de mudar a face de um bairro, chegando através dos meninos aos pais e aos adultos.

Tudo isso é história e realidade, de que temos sob os olhos exemplos vivos de ontem e de hoje: mas fica sempre por dizer que para "realizar essa história", para não adulterá-la, são precisos homens cheios primeiramente de fé e de amor tão sincero, nesses ambientes que, sob vários aspectos diria privilegiados. Com fé e amor verdadeiros segue-se o resto e não pode fracassar!

A escola salesiana

A escola salesiana se insere naturalmente no contexto mais amplo da missão e função evangelizadora da escola católica. As grandes possibilidades de uma ação grandemente

evangelizadora por parte de todos os seus componentes educativos, desde os Salesianos aos alunos, leigos e pais, não são idéias sem realidade e nem desejos sem fundamento. É-me viva a lembrança do que me dizia recentemente um dos nossos Inspetores a propósito de escolas organizadas dessa maneira: "Estas nossas escolas, por toda a atividade que exercem e pelo espírito que as anima, são verdadeiras, grandes, vigorosas e ativas paróquias".

Naturalmente é preciso que haja convicções e homens que as encarnem em vontades realizadoras, pacientes e constantes.

Quando a escola é autenticamente cristã

A respeito da escola católica, o Irmão Buttimer, Superior Geral dos Irmãos das Escolas Cristãs, organizou uma investigação feita de modo científico em todas as escolas que têm no mundo, e numa intervenção sua no recente Sínodo, manifestou idéias que encontram aqui lugar oportuno. Reproduzo-as em síntese (o texto completo se encontra facilmente entre os documentos do Sínodo); mas gostaria que todos os que se interessam pela questão da escola, as lessem com atenção, meditando-as até.

"A escola católica — escreveu o Ir. Buttimer — tem uma responsabilidade que é sua, introduzir e desenvolver uma dimensão espiritual na sociedade pluralística de hoje. E isso de vários modos. Por meio do trabalho pedagógico que se inspira nos valores evangélicos. Mediante as atitudes morais, compenetrando todas as manifestações da vida individual e comunitária, e tendo como ponto de partida uma antropologia cristã de inspiração evangélica que não ignora os dados das ciências humanas tão em voga hoje. Mediante a transmissão explícita da mensagem.

"A escola católica deve poder acompanhar os alunos ao darem resposta aos motivos últimos da existência. Por isso a *Catequese* é parte integrante da pastoral escolar. Organizada desse modo, toda escola autenticamente cristã representa excelente serviço de salvação à humanidade atual". Até aqui a relação do Irmão Buttimer no Sínodo.

Uma escola assim entendida, é claro que tem na Igreja uma função preciosa e validíssima. Dom Bosco não pode deixar de subscrever e nós com ele!

À luz, pois, desses claros pressupostos, devemos perguntar se e em que medida cada uma das nossas escolas se possa dizer autenticamente cristã e representa "serviço excelente de salvação aos jovens".

Algumas perguntas importantes

Mais concretamente, urge fazer algumas perguntas. Quais são os motivos da eventual escassa incidência cristã sobre os alunos? Será o seu número desproporcionado? Será o reduzir a escola a mero relacionamento escolar, só nas horas de aula, sem outros encontros pára e pós-escolares? O grande número de professores leigos que não sintonizam pedagógica e pastoralmente com os Salesianos? Não ter funcionado efetivamente a comunidade educativa? O inadequado trabalho de catequese e evangelização, por falta de homens preparados?

A classe social dos alunos, o tipo e grau de certas escolas têm afastado os Salesianos da classe popular que é a própria da nossa vocação? As situações negativas que estamos encontrando, podem ser eliminadas? Como? No caso em que devêssemos deixar algumas escolas, que perspectivas temos em vista de útil empenho pastoral? Que é que nos propomos?

Nessa altura ocorrem outras perguntas. Se há lacunas tão graves que de um modo ou de outro tocam e comprometem os motivos da nossa missão, se não se podem eliminar nem se pode realizar processo de renovada adequação às exigências evangelizadoras e pastorais de hoje, que sentido poderá ter continuarmos numa atividade que se torna gravemente passiva sob o ponto de vista de nossa missão?

O CGE nos pede com urgência um sério exame, "uma verificação e revisão contínua dos programas em vigor, das técnicas empregadas, da cultura transmitida, dos valores procurados e descobertos em grupo, das suas relações com o sistema social, do modelo de homem que se forma, da educação para a fé que se garante, e da pastoral vocacional que

se desenvolve" [47]. E põe diante de nós a drástica alternativa ou de corajosa renovação ou de fechamento, uma vez que resulte não corresponder alguma das nossas escolas às exigências dos nossos objetivos fundamentais [48].

A propósito da escola mista

Nesse contexto vem a talho uma pergunta com relação a uns casos de escolas mistas, instaladas com interpretação, por dizer pouco, muito discutível da "situação de necessidade" de que falam os Regulamentos [49]: com efeito, a necessidade, segundo o espírito do artigo, não pode ser conveniência, oportunidade, ou como quer que seja desejo ou necessidade, embora dignos de consideração, de famílias, amigos, ex-alunos, ou, pior ainda, querer sustentar uma obra para a qual já não há aquelas condições em que e por que surgiu.

Situações assim não nos podem deixar indiferentes. No entanto agora uma pergunta que fazemos é esta: essas escolas mistas, como é que correspondem ao imperativo da nossa missão que tem por fim indiscutível a evangelização dos seus destinatários: "os" jovens? O serviço de catequese-evangelização, que eficiência tem nelas? O método educativo salesiano, que tem características peculiares de presença e contatos pessoais, de iniciativas de colaboração também entre os alunos, em que medida se traduz e pode traduzir em ato? Quais e quantas pessoas nessas escolas têm a adequada preparação pedagógica que é necessária para trabalho tão delicado? E os ambientes, como correspondem às exigências pedagógicas que até a pedagogia leiga reconhece?

Enfim — pergunta particularmente importante — com a grave diminuição geral de vocações, com a necessidade irrevogável de qualificar o escasso pessoal para serviços urgentes e prioritários, os novos compromissos desse tipo não bloqueiam e dificultam o vital e inadiável processo de renovação das Inspetorias?

---

(47) *CGE*, n.º 384.
(48) Cf. *CGE*, n.º 385.
(49) Cf. art. 12.

Faço essas perguntas, às quais outras se poderiam acrescentar em momento oportuno, como apelo a todos para examinar e reexaminar iniciativas desse gênero com a devida ponderação, para não criar situações que, em término mais ou menos breve, podem provocar conseqüências graves de vários gêneros.

Quando há hipertrofia de escolas

Nesses momentos de profundas mudanças requer-se a coragem de olhar, com serena objetividade e previdência, situação por situação, para deduzir as suas conseqüências. Os nossos jovens em última análise é isso que querem de nós.

É, por exemplo, grave erro esperar que certas atividades morram de morte natural. É, além do mais, prolongar e agravar o desalento e frustração dos irmãos insistindo no funcionamento de máquina a trabalhar no vácuo.

São problemas que afligem e angustiam, mas que não se podem eludir.

Por isso apresento cinco constatações que parecem fora de discussão e das quais é preciso tirar as devidas conseqüências.

1. Em várias regiões houve uma hipertrofia de escolas médio-superiores, criando situações críticas de várias espécies, com implicações nem sempre sob muitos aspectos positivos.

2. Conseqüência dessa hipertrofia foi o que chamaria de subdesenvolvimento dos Centros juvenis, Oratórios e atividades similares: subdesenvolvimento quantitativo, porém, muito mais, qualitativo.

3. Onde o fenômeno da hipertrofia se verificou, contribuiu para dar ao conjunto das nossas obras uma aparência nem sempre correspondente à que é tipicamente salesiana, e restringiu a área da nossa ação evangelizadora precisamente com relação à juventude mais pobre e necessitada, à qual somos chamados de forma prioritária e preferencial. Ao mesmo tempo, o modo como várias dessas escolas por vezes

funcionam contribuiu para alimentar o processo de decadência e aburguesamento de comunidades e irmãos.

4. O trabalho escolar que absorve, que é hoje desproporcionado às possibilidades numéricas e qualitativas dos Salesianos, pára e paralisa, ou pelo menos afrouxa grandemente também a obra de qualificação espiritual, eclesial, pedagógica, que urge de modo absoluto, para a vida renovada da Comunidade Inspetorial: em linguagem pobre, impedem o que é a mais verdadeira, urgente e válida renovação.

5. É urgente, pois, um exame a fundo, em que as situações, uma por uma, sejam confrontadas com a situação global da Inspetoria, tendo presentes as possibilidades de alternativas em linha francamente salesiana e mais fáceis de se pôr em prática (vimos com satisfação, num e noutro Capítulo Inspetorial-75, trabalhos colocados nesta linha, que propunham resoluções ponderadas e corajosas).

Superabundando, gostaria de recordar certas áreas que em todo esse trabalho devemos considerar como preferenciais:

a) *Cursos profissionais* para aprendizes, cursos até noturnos que se podem articular de modo vário;

b) *Centros juvenis, Oratórios, grupos juvenis,* não tanto para se fundarem (coisa que não se exclui), quanto para potencializar e animar eficazmente segundo as exigências pastorais de hoje;

c) *Pensionatos* para jovens aprendizes, operários, órfãos. Não fechar os internatos que se tornassem ainda válidos socialmente;

d) Pense-se na necessidade, em nível inspetorial, de *animadores* aptos *da pastoral,* particularmente dos vários serviços de catequese. Pense-se no setor da comunicação social, no qual achamos grave carência de homens, quando há possibilidades enormes e urgência premente.

É toda uma constatação que deve fazer-se sem preconceitos, mas também sem medo, com o único fito de que nossas obras alcancem realmente a meta pela qual existem, que,

em fim de contas, mesmo em formas variadas, é e deve ser a evangelização.

A coragem de redimensionar

A essa ampla escala de problemas ligam-se outros três, que, embora de forma e em medida diversa, são de grande importância.

O primeiro é o já tão falado redimensionamento das obras. Ele, ao invés da imagem que cá e lá lhe quiseram dar, não é de modo algum operação de destruição, imobilismo e sepultura (veja-se, por exemplo, a necessidade urgente que acabamos de lembrar de preparar catequistas, agentes de pastoral e espiritualidade, animadores da oração, etc.).

Olhando bem, pretende e deve ser considerado como ação de coragem, de previdência, de avaliação realista e dinâmica das situações, em vista de uma "ação de ataque" e de adequação vigorosa e ousada, em sintonia com as exigências que se vão mudando. Não é questão de paredes, mas de pessoas, em última palavra. Trata-se de todo um trabalho para o qual são necessários homens que estejam à altura de um mundo juvenil que vai mudando e não pára a esperar por nós.

Quanto não erra quem se imobiliza defendendo com obstinação obras, que, embora tenham no passado desempenhado tarefas de mérito, perderam hoje toda a carga que tinham de verdadeiro e fecundo interesse apostólico! Ficam assim paralisadas iniciativas e possibilidades de renovação que poderiam dar à Inspetoria um ritmo e toque de vivacidade apostólica correspondente às exigências que hoje se impõem, e muito provavelmente poderiam suscitar entre os jovens as vocações que com muita dificuldade vicejam em ambiente rotineiro, instalado, aburguesado talvez e cristalizado.

Inspetores e Conselhos precisam de colaboração consciente por parte de todos, nessa operação complexa mas vital. Ela, cumpre lembrar, na medida em que o tempo passa sem que se aja, corre o risco de se tornar cada vez mais difícil e menos eficaz.

Os leigos na comunidade educativa

Perspectiva importante em nosso apostolado de evangelização é a de introduzir de modo pleno a família, os pais na comunidade educativa. São eles os primeiros responsáveis da educação dos filhos, e é nossa tarefa ajudá-los a assumir a parte da responsabilidade que lhes cabe e colaborar numa vasta obra de evangelização em que todos juntos nos tornamos evangelizadores e evangelizados.

Há outro problema que, se tem estreito nexo com nossa missão na escola, não o tem menos em outros setores dos leigos: um empenho, também ele, que nos foi apontado pelo CGE e que se manifesta como de extraordinário e atual interesse. Reconhecemos que, especialmente hoje, não só e não primariamente por um estado de necessidade, mas por óbvios motivos de eclesiologia e pedagogia, precisamos de leigos que sejam colaboradores nossos conscientes e capazes de integrar eficazmente o nosso trabalho educativo, pastoral e evangelizador.

Os leigos são os primeiros a nos repetir: Deixem para nós as inúmeras atividades que não são próprias do sacerdote. Atenda este às funções de sacerdote, nas quais é insubstituível.

Tudo isso precisa evidentemente de preparação, coisa que supõe um conjunto de idéias, planos, programas que exigem reflexão, conselho, tempo: em cada indivíduo antes e mais ainda nas comunidades, que se devem persuadir de que existe o problema e pode e deve ser resolvido.

Esse é o caminho obrigatório por percorrer: o dos leigos.

Algumas Inspetorias, grupos de Inspetorias até, começaram com êxito esse trabalho. Por exemplo, um grupo das Inspetorias da América Latina: na recente semana de estudo em Córdova, reuniram-se, num encontro, leigos e Salesianos para estudar os problemas da colaboração pedagógica e pastoral. Fiquei sabendo que todos saíram entusiasmados e decididos a continuar, melhorando, o caminho empreendido.

É também interessante uma iniciativa das Inspetorias de língua alemã e flamenga, sinal não só de sensibilidade,

mas de vontade positiva com relação a esse ponto. Estou a par de outras iniciativas assim, com critérios cada vez mais sistemáticos e concretos.

Mas é necessário não perder mais tempo. Avante, pois, sem se deixar desencorajar pelas dificuldades e tendo em mira um trabalho empreendido com clareza de intentos e seriedade de método. Não faltarão os frutos.

Se prepararmos homens para uma colaboração assim entendida e não como simples prestação de trabalho, poderemos ter ótimos leigos qualificados que se tornarão Cooperadores autênticos, que saberemos, com modos os mais oportunos, tornar conscientes da sua pertença ao terceiro ramo da nossa família, com evidentes vantagens para o conjunto da nossa missão comum. É claro, porém, que o nosso empenho pelos Cooperadores não se pode reduzir a este setor: a área que lhes é própria é bem mais vasta e diversificada. Mas aqui quis chamar atenção a toda a urgência e importância da vocação dos leigos à orgânica colaboração educativa e salesiana ao nosso lado.

É ainda claro que a colaboração dos leigos não interessa só o aspecto escolar, mas outros muitos setores da nossa ação educativa e evangelizadora, como, por exemplo, Paróquia, atividades similares entre emigrantes e marginalizados, Oratório e Centro juvenil, as mesmas organizações e movimentos apostólicos em que os leigos, devidamente sensibilizados e valorizados, nos podem dar uma ajuda realmente preciosa (como confirma a experiência feliz que já se fez em muitas partes).

Nossa contribuição ao movimento catequético

O Diretório Catequético Geral na VI parte recomenda vivamente a colaboração entre os que em vários níveis trabalham na pastoral catequética. Ora a missão que temos na Igreja de levar o anúncio do Evangelho aos jovens, nos empenha a dar contribuição qualificada ao progresso do movimento catequético no mundo, em união fraterna com todos os que nele se acham engajado: sacerdotes diocesanos, religiosos e religiosas, leigos, etc. Aliás, várias circunstâncias que julgamos providenciais puseram nossa Congregação na feliz

ocasião de oferecer às igrejas locais um serviço qualificado e apreciado.

Como Salesianos devemos de qualquer maneira sentir a responsabilidade da competência catequética que a Igreja, com os tempos, exige hoje de modo particular. É sobre esse ponto que as Inspetorias devem examinar atentamente a própria posição e situação e tomar providências para qualificar, com planos orgânicos e sem dilações prejudiciais, o próprio pessoal, em proporção com as reais necessidades.

Conclusão: amanhã será talvez muito tarde

Tocamos pontos mui graves e importantes do aspecto essencial e atualíssimo da nossa missão evangelizadora e decisivos para nossa renovação como Congregação Salesiana, que quer na Igreja encarnar e viver o carisma original de Dom Bosco.

Neste ponto devemos dizer que se trata de colher o momento providencial que somos chamados a viver. Amanhã seria talvez muito tarde para certas situações locais que nos encontrassem hoje despreparados ou não assás disponíveis.

Trata-se de exercer a nossa tarefa na Igreja e para a Igreja com convicção e decisão, sabendo o que queremos fazer e conhecendo caminhos e meios com que alcançar a meta. Trata-se de ter e viver individual e comunitariamente um sentido exato de jerarquia dos valores que estão em jogo hoje.

Duas exortações de Paulo VI

Concluindo essas reflexões, parece-me possamos com muito proveito aplicar-nos as palavras de Paulo VI no último Sínodo sobre o problema fundamental da nossa existência como Congregação.

Eis as palavras do Papa: "O nosso dever é o da escolta que vigia no ponto em que têm início as estradas pelas quais a Igreja se encaminha em busca de uma expressão cada vez mais incisiva da sua própria doutrina. Não poderia-

mos permitir se tomem direções erradas; se o fizéssemos, faltaríamos à obrigação fundamental de confirmar os irmãos.

"Um fato, além do mais, paira acima dessas observações particulares, e é a vontade unânime de infundir na Igreja um impulso novo, geral, concorde, generoso, à ação evangelizadora. A Igreja tem talvez como nunca, em tal medida e com tal clareza, consciência deste seu dever fundamental. Parece, na verdade, um momento digno do recente Concílio; conforme à ação essencial da Igreja; correspondente às necessidades do mundo; resolutivo de certos fenômenos negativos que bem conhecemos...

"Devemos cumprir a vontade de Deus que nos mandou. O mundo vasto e maravilhoso espera o anúncio da libertação do pecado e dos males que este encerra, o anúncio da salvação na cruz de Cristo... E para isso confiamos unicamente na ajuda de Nosso Senhor.

"As dificuldades são enormes; as expectativas, multíplices; as responsabilidades, formidáveis, mas tende confiança — diz o Senhor — eu venci o mundo" (50); Cristo está conosco, está em nós; ele fala em nós e por nosso intermédio, e não nos deixará faltar a ajuda necessária".

Ainda, falando precisamente à nossa Família, Paulo VI, um dia, com tom cheio de vibração e convicção, disse: "A hora não é dos tímidos, dos preguiçosos, dos ausentes; mas é, pelo contrário, dos generosos, dos fortes, dos puros, dos convictos; de quem crê, espera e ama; de quem está pronto a dar-se a si mesmo pela expansão do Reino de Deus, para a vinda de tempos melhores" (51).

Que o nosso amado Pai dê a todos, caríssimos, luz, força para transformar a palavra do Vigário de Cristo em fecunda ação evangelizadora.

P. Luís Ricceri
Reitor-Mor

---

(50) *Jo* 16, 33.

(51) *Aos jovens da Inspetoria Romana*, Audiência em São Pedro, a 11.05.1966.

Uma oração para o Centenário das Missões.

Entre as muitas propostas enviadas por numerosos irmãos ao ensejo de timbrar o caráter espiritual do nosso Centenário, notamos também a de se rezar uma oração diária dedicada às Missões. É uma proposta que se relaciona expressamente com o preceito de Jesus: "Rogai ao Senhor da messe, a fim de que envie operários à sua messe" (Mt 9, 38), e interpreta um dos sentimentos mais caros ao coração de Dom Bosco.

Esta oração será certamente do agrado geral.

Queiram portanto as comunidades e irmãos acrescentar às invocações costumeiras que se fazem por ocasião da Leitura Espiritual, ou mais oportunamente nas Intercessões da hora de Laudes ou das Vésperas, ou então em qualquer outro momento mais apropriado do dia, a seguinte invocação:

Guia: Pastor eterno,
Vós quereis a salvação de todos os povos;
Todos: Renovai na Igreja e na Família Salesiana o empenho missionário, e o zelo pela salvação de todos os homens, que inflamou o coração de São João Bosco.

É uma oração muito breve, mas bastante substanciosa.

Será para todos, dia a dia, um chamamento eficaz a se meditar novamente sobre os motivos e os valores em que se baseia a nossa própria vida, como se baseava a de Dom Bosco: "Animas quaerere tibique soli servire".

III. COMUNICAÇÕES

1. Novos Inspetores

O Reitor-Mor nomeou Inspetores os Irmãos:

P. José CARBONELL para a Inspetoria de Manilha;

P. Mauro CASAROTTI para a Inspetoria de Bombaim;

P. Luís CHINCHILLA para a Inspetoria da América Central;

P. Wallace CORNELL para a Inspetoria da Austrália;

P. Miguel HICKS para a Inspetoria Irlandesa;

P. José GURRUCHAGA para a Inspetoria de México;

P. José MAIO para a Inspetoria de Portugal;

P. Antônio MARRONE para a Inspetoria Subalpina;

P. Artur MORLUPI para a Inspetoria Sícula;

P. Salvador NAVA para a Inspetoria de Guadalajara;

P. Pedro PICAN para a Inspetoria de Paris;

P. Adriano VAN LUYN para a Inspetoria Holandesa;

P. Angelo VIGANÓ para a Inspetoria Lombarda.

2. Os Bispos salesianos

DOIS NOVOS BISPOS

O Santo Padre nestes meses elevou à dignidade episcopal dois Salesianos. São:

Dom EDVALDO GONÇALVES AMARAL, diretor da Casa salesiana de Natal na Inspetoria de Recife no Brasil, nomeado bispo titular de Zallata e auxiliar de Dom Cabral, arcebispo de Aracaju (noticiado no Osservatore Romano de 20.2.1975);

Dom ARGEMIRO DANIEL MOURE, Inspetor de La Plata, nomeado Bispo titular de Comodoro Rivadávia na Argentina (O. Romano de 6.4.1975).

Com estas duas nomeações sobe a 108 o número dos Salesianos chamados até agora pelos Papas a participarem do Episcopado.

FALECEU DOM SEGUNDO GARCIA

Dom Segundo GARCIA, Bispo titular de Olimpo e até 1974 Vigário Apostólico do Alto Orenoco, faleceu de enfarte dia 6.6.1975 quando acompanhava, em Roma, uma peregrinação venezuelana ao Ano Santo.

Assim estão vivos hoje 56 Bispos Salesianos.

NOVAS RESPONSABILIDADES

Quatro Bispos Salesianos foram nestes últimos meses transferidos para novas sedes, com responsabilidades maiores. São eles:

Dom MIGUEL ANGEL ALEMAN, bispo titular de Puppi e administrador apostólico de Viedma, que foi transferido para a Igreja Catedral de Gallegos (Oss. Rom. de 6.4.1975);

Dom MÁRIO PICCHI, bispo titular de Orea e auxiliar de Dom Eugênio Peyron, em Comodoro Rivadávia, e agora nomeado auxiliar de Dom Plaza, arcebispo de La Plata (Oss. Rom. de 6.4.1975);

Dom JOSÉ GOTTARDI, bispo titular de Belcastro e auxiliar de Dom Cabrera, em Mercedes, nomeado auxiliar de Dom Parteli em Montevidéu (Oss. Rom. de 29.5.1975);

Dom ANDRÉ RUBIO, bispo titular de Foro Trajano e auxiliar de Dom Parteli, promovido agora à Igreja catedral de Mercedes (Oss. Rom. de 29.5.1975).

Dois outros Bispos salesianos foram chamados a *novas responsabilidades junto à Santa Sé*:

Dom ROSÁLIO CASTILLO, bispo titular de Precausa e coadjutor de Dom Rojas, em Trujillo, Venezuela, foi nomeado Secretário da "Pontifícia Comissão de Revisão do Código de Direito Canônico" (Oss. Rom. de 21.2.1975);

Dom ANTÔNIO BARANIAK, arcebispo de Poznan, foi nomeado membro da "Sagrada Congregação para as Causas dos Santos" (Oss. Rom. de 10.3.1975).

3. Solidariedade fraterna (16.ª relação)

A) INSPETORIAS DONDE PROVIERAM OFERTAS

ITÁLIA

Casa Mãe, Turim	Liras	400.000
Lígure		2.515.000
Lombarda		850.000
Romano-Sarda		2.120.000
Vêneta de S. Marcos		600.000
Vêneta de São Zeno		500.000

EUROPA

Áustria	1.739.760
Bélgica-Norte	1.750.000
Bélgica-Sul	221.827
Irlanda	379.687
Alemanha-Sul (para o Brasil)	6.750.000
Holanda (para destinos diversos)	6.446.400
Espanha-Bilbao	1.210.000
Espanha-Madri	1.000.000

AMÉRICA

Estados Unidos-Este	7.536.000
Estados Unidos-Oeste	3.165.000
Venezuela	210.000

ÁSIA

Índia-Gauhati	1.000.000
Oriente Médio	250.000
Thailândia	200.000
Total das ofertas que chegaram entre 10.3.1975 e 12.6.1975	38.843.674
Saldo caixa anterior	39.171
Disponível no dia 12.6.1975	38.882.845

B) DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS

EUROPA

Bélgica-Norte: ao Centro de Waai para jovens emigrados	1.000.000
Iugoslávia, Lubliana: para o apostolado missionário na diáspora	1.900.000
Itália: para os "campo-escolas" de Campo Reale	200.000

AMÉRICA

Antilhas, Haiti: para "os favelados"	1.000.000
Argentina, Bahia Blanca: para a Patagônia (de Bilbao)	825.000
Bolívia, Sucre: material para o Centro Juvenil	1.000.000
América Central, S. Salvador: ampliação do Oratório "Ricaldone"	2.000.000
Brasil: curso de formação permanente, literatura salesiana	700.000
Brasil: Belo Horizonte, Jacarezinho: para as multíplices necessidades dessa "favela"	3.000.000
Brasil: Campo Grande (de Munich, Alemanha)	1.000.000
Brasil: Guiratinga (de Munich, Alemanha)	750.000

Brasil: Humaitá (de Munich, Alemanha)	750.000
Brasil: Manaus, estudantado (de Munich, Alemanha)	1.500.000
Brasil: Porto Velho (de Munich, Alemanha)	1.000.000
Brasil: Recife (de Munich, Alemanha)	1.000.000
Brasil: Rio Negro (de Munich, Alemanha)	750.000
Colômbia: Bogotá, para catequese em Bucaramanga	1.000.000
Colômbia: Bogotá, roupas e remédios para "Porvenir"	1.000.000
Equador: Guayaquil, paróquia Domingos Sávio ("favelados")	700.000

ÁFRICA

África Central: em favor de estudantes pobres	700.000
Etiópia, Adigrat: casa para pobres (da Holanda)	1.343.000
África do Sul e Suazilândia: alimentos e educação para os negros pobres	700.000

ÁSIA

Birmânia: para os leprosos da missão	1.000.000
Hong Kong: para os leprosos e necessitados de Coloane (Macau)	700.000
Índia, Bombaim: para os "favelados" de Vadala	700.000
Índia, Bombaim: para a obra da Panijm, Goa (da Holanda)	134.000
Índia, Calcutá: para os refugiados de Bangladesh	700.000
Índia, Gauhati: para os refugiados de Bangladesh	700.000
Índia, Gauhati: para irrigação em Golaghat (da Holanda)	2.148.000
Índia, Gauhati: curso de catequese 60 pessoas em Jorthat	500.000
Índia, Gauhati: estada de um missionário no hospital	390.150
Índia, Madrasta: habitação para pobres em Cochim (da Holanda)	2.686.000

Índia, Madrasta: para leprosos e necessitados de Vyasarpady	1.000.000
Coréia: para leprosos vizinhos às nossas obras	1.000.000
Oriente Médio: para jovens pobres árabes	1.000.000
Tailândia: para refugiados vietnamitas	1.000.000
Tailândia: para os leprosos de Thavá	700.000
Tailândia: para a missão de Surat Thani (da Holanda)	134.300
Reembolso de adiantamento feito pelo "Serviço Missionário"	550.000
Total das quantias distribuídas entre o dia 10.3.1975 e o dia 12.6.1975	38.861.550
Saldo em caixa	21.295
Total em liras	38.882.845

c) Movimento Geral da Solidariedade Fraterna

Quantias que chegaram até 12.6.1975	340.334.714
Quantias distribuídas até a mesma data	340.313.419
Saldo caixa atual	21.295

4. Curso de Formação Permanente para missionários

Realiza-se de 10 de maio a 10 de julho o Curso Missionário de Formação Permanente. De iniciativa do Reitor-Mor por motivo da celebração do Centenário das Missões Salesianas, acolheu na Pisana 42 missionários vindos das missões da América Latina, Ásia e África.

A América Latina apresentou 18 missionários, dos quais 7 são do Brasil, os demais da Argentina, Colômbia, Equador, México, Paraguai e Venezuela. A Ásia foi representada por 14 missionários da Índia, outros da Tailândia, Japão e Timor. A África com dois missionários.

Um Curso diferente dos três que o precederam na Pisana, quer pela duração do tempo (preferiu-se contraí-lo em dois meses, ao invés de quatro, para não afastar por tempo demasiado os missionários de suas residências), quer pelo conteúdo de caráter prevalentemente pastoral-missionário.

Mestres qualificados, salesianos e não salesianos, apresentaram a espiritualidade do missionário, a ação do Espírito Santo na obra missionária, problemas teológicos missionários, o "Ad Gentes" do Vaticano II, o Cristo do Evangelho de São Marcos, a impostação da catequese nas missões, elementos de teologia sacramentária, argumentos salesianos.

As peregrinações a Valdoco e ao "Colle Don Bosco", a Subiaco, berço da obra de São Bento, a Assis, pátria de São Francisco, os encontros repetidos com Paulo VI, a fraterna convivência num clima de cordialidade salesiana, deixaram em todos profundas impressões espirituais.

É a primeira experiência deste gênero na Congregação, acompanhada com particular interesse por todos, para que dê resultados profícuos com a colheita dos aspectos deficientes, para evitá-los no futuro se, como se espera, possa mais tarde ser oferecida também a outros missionários.

5. Outras notícias do Dicastério das Missões

a) A Expedição missionária do Centenário

São muitos os irmãos que já apresentaram seu pedido de participação da Expedição do Centenário. Destes, 55 já foram informados de seu destino futuro.

Os demais pedidos, numerosos (e de modo notável, provindos de Irmãos que se encontram ainda em formação) caminham sob atento exame dos superiores.

b) Pedidos de pessoal

Continuam a chegar ao nosso Dicastério pedidos de missionários salesianos, também por parte de Bispos missionários não salesianos.

Somente da África dirigiram-se à Congregação Salesiana dez Bispos (por ex., os de Ruyigi no Burundi, de Brazzaville no Congo, de Tananarive em Madagascar etc.). Até mesmo os Bispos de Samoa e Taiti, na Polinésia, pediram-nos pessoal.

Quanto aos Inspetores e Bispos missionários salesianos, seus pedidos de auxílio são contínuos.

c) *Um belo exemplo da América Central*

Muitas Inspetorias têm se mostrado sensíveis de modo particular ante as necessidades das missões. Prova-o, por exemplo, a Inspetoria da América Central, que no seu último Capítulo Inpetorial decidiu tomar uma série de iniciativas dignas de imitação.

"O ano de 1975, centenário de nossas Missões — lê-se nos documentos — seja comemorado em nossa Inspetoria com atenção particular.

O Capítulo, por isso, propõe:

a) corresponder com um auxílio econômico extraordinário, em sinal de solidariedade às iniciativas do Reitor-Mor e do Dicastério das Missões;

b) oferecer ao Reitor-Mor algum Salesiano para a Expedição Missionária de 1975;

c) enviar mais um irmão à missão de São Pedro de Carchá (Alta Verapaz) na Guatemala;

d) iniciar uma nova presença missionária no Panamá;

e) ofertar ajuda econômica extraordinária aos projetos missionários de Carchá e Campur;

f) criar um fundo comum inspetorial em prol das missões;

g) criar uma exposição missionária itinerante etc..."

d) *Animação missionária*

O Dicastério continua entretanto sua animação missionária nas formas mais diversas. O Conselheiro P. Bernardo Tohill no mês de maio passado realizou uma breve visita às paróquias missionárias do sul da Iugoslávia: fez conferências aos estudantes de teologia das duas inspetorias iugoslavas; e nos locais visitados falou a mais de 16 grupos de irmãs e de fiéis reunidos.

IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

O Reitor-Mor

No quadro dos Encontros Continentais previstos pelo CGE, para se averiguar a aplicação das disposições capitulares, o Reitor-Mor reuniu-se com os 25 Inspetores e respectivos Delegados da América Latina, em Cachoeira do Campo no Brasil, de 23 a 31 de maio do corrente.

P. Ricceri fazia-se acompanhar por alguns Conselheiros Superiores e precisamente pelo P. Viganó da Formação Salesiana, P. Raineri da Pastoral dos adultos e P. Dho da Pastoral dos jovens; e naturalmente pelos Conselheiros Regionais P. Vecchi e P. Henriquez.

A "ordem do dia" comportava praticamente os problemas, as preferências e conseqüentemente o futuro das 550 Casas e dos 4.800 e tantos Salesianos da América Latina.

O Reitor-Mor partiu de Roma com notável antecipação para poder estar em diversos lugares dos Estados Unidos. Dia 16 de maio P. Ricceri esteve no estudandato teológico de Columbus, onde conferiu os "ministérios" (outrora "ordem menores") a um grupo de clérigos. Teve também a satisfação de constatar pessoalmente a plena eficiência do "Centro recreativo" local de inspiração cristã, animado totalmente pelos mesmos clérigos.

No domingo de Pentecostes o Reitor-Mor esteve em Newton para a vestidura dos 17 noviços.

No dia seguinte foi recebido pelo arcebispo de Nova Iorque, Cardeal Terence J. Cooke que afirmou estar muito satisfeito com o trabalho dos Salesianos em sua imensa diocese, e aproveitou a oportunidade para solicitar mais Salesianos para auxílio na evangelização dos católicos a ele confiados e que ultrapassam a cifra de 5 milhões.

Os dias 20 e 21 de maio passou-os em Nova Rochelle para um encontro com os Diretores e com o Conselho inspetorial. Neste encontro foi festejado seu jubileu sacerdotal.

Esta feliz data foi também comemorada dia 24 de maio em Cachoeira do Campo, Brasil, com uma "jornada de fraternidade e oração" em honra de Maria Auxiliadora; e as FMA solenizaram a data jubilar dia 1.º de junho em Belo Horizonte.

Aos 4 de junho P. Ricceri chegava de volta em Roma, deixando aos outros Superiores a continuação do programa deles, que constava de reuniões especializadas e visitas particulares.

P. Ter Schure, Conselheiro Regional para a Europa Central, presenciou os Exercícios Espirituais organizados para os Diretores das três Inspetorias de língua alemã e que foram realizados em dois cursos — um em a nova Casa de retiros espirituais de Johnsdorf na Áustria e o outro nos arredores de Munich na Baviera.

Participou também da reunião dos Conselhos inspetoriais de língua francesa em Lião. Destacaram-se entre os problemas tratados, a formação inicial e permanente e também o Boletim Salesiano.

Nos meses de abril e maio realizou a visita extraordinária à Inspetoria do Sul da França.

V. DOCUMENTOS

1. Conclusões Operacionais do Encontro Continental de Roma

O Encontro Continental, cujas Conclusões Operacionais aqui apresentamos, realizou-se em Roma nos dias 1-9 de abril de 1975. Dele participaram o Reitor-Mor, diversos Superiores do seu Conselho, os Inspetores e os Delegados das Inspetorias da Europa, dos Estados Unidos e da Austrália. A finalidade era verificar a atuação das deliberações do CGE (o Oss. Romano publicou em 16.4.1975 uma relação dos trabalhos).

PREMISSA

Como conclusão do nosso trabalho de exame, após o que foi feito pelos CI-75, sobre a atuação na área de nosso mundo, da renovação desejada pelo CGE, queremos delinear uma ação concreta iluminada e guiada pela experiência vivida nestes anos.

Somente assim, a pausa destes dias, exigida por realismo pedagógico pelo CGE, será uma pausa "dinâmica", geradora de uma ação fundada sobre a realidade e sintonizada com o ponto de referência comum que nos é oferecido pelas Constituições, pelos Regulamentos, pelos Atos do CGE (cfr. Relação do Reitor-Mor, p. 1).

As áreas prioritárias sobre as quais devemos fazer convergir nosso empenho aparecem claramente identificadas pelo diálogo de comparação, de avaliação e de busca, que levamos para frente com sinceridade humilde mas corajosa e total.

A reavaliação comum destas áreas prioritárias, permite-nos delinear uma estratégia operacional para estes anos que nos separam do futuro Capítulo Geral.

I. SENTIMO-NOS CONSCIENTES DA URGÊNCIA DE ENFRENTAR AS EXIGÊNCIAS QUE A ATUAL SITUAÇÃO DOS JOVENS NOS COLOCA NO PLANO DA EVANGELIZAÇÃO DELES E DE SUA EDUCAÇÃO PARA A FÉ.

A experiência destes anos confirma a validade da escolha do CGE que indicou na missão o parâmetro seguro e definitivo da nossa identidade, pelo que: a estrada obrigatória da renovação passa pela missão.

A educação dos jovens para a fé não pode ser considerada somente como um dos setores de atividade, mas sim como uma dimensão permanente de todo nosso trabalho pastoral, em todo e qualquer setor ou estrutura em que se desenvolva (escola — oratório — centro juvenil — paróquia...)

Por isso consideramos como privilegiadas as seguintes incumbências:

1. Focalizar o redimensionamento, a que estamos procedendo, sempre e mais na função prevalente da educação do homem para a fé (CGE 279); renovar as obras existentes (CGE 398) e pensar em novas presenças (CGE 361) partindo desta dimensão e das concretas necessidades dos jovens (cfr. Const. 17, 20, 26; CGE 393).

2. Elaborar, aperfeiçoar e realizar progressivamente o plano de qualificação e de atualização dos Irmãos que o CGE nos pede (CGE 337 b), notadamente a especificação da catequética e da salesianidade.

3. Empenhar-se em uma ação de co-responsabilização apostólica dos leigos adultos e dos jovens mais maduros; escolhê-los, formá-los e acompanhá-los, formando com eles autênticas comunidades educativas e apostólicas (cfr. CGE 428).

4. Tornar efetiva a deliberação do CGE (n. 338) sobre a organização em nível inspetorial de um serviço especializado e ágil para animar a evangelização e a catequese e para uma inserção, através de união e colaboração com análogos órgãos diocesanos, na pastoral da Igreja local (CGE 340 c; 399).

II. O Valor da unidade e o atuar-se da descentralização.

No momento especial, histórico, que vê a Congregação empenhada em atuar a descentralização, torna-se mais urgente perceber o valor da unidade, que orienta e enriquece o pluralismo.

Para tanto é necessário:

1. Cultivar o sentido vivo do valor unificante das Constituições, que exprimem o modelo concreto da nossa vida evangélica e da fidelidade à nossa vocação, qualificam a nossa presença na Igreja e transmitem as riquezas de nossa tradição.

Deve, pois, ser do empenho de todos estimular iniciativas para o aprofundamento pessoal e comunitário através do estudo, da meditação e do diálogo fraterno sobre as Constituições.

A atual fase de experiência não pode significar livre opção de aceitação, mas deve levar a maior empenho de execução.

2. Atuar em todos os níveis um apropriado serviço da autoridade para a atuação comunitária da missão, com a procura fraterna da vontade de Deus, com o magistério salesiano e com a oportuna decisão tomada pelo Superior e assumida como empenho por todos. É necessário, portanto, que nos diversos níveis, funcionem as estruturas colegiais previstas pelas Constituições em auxílio ao exercício da autoridade, como conselhos, assembléias, consultas.

3. Favorecer a comunhão salesiana mediante uma ativa comunicação recíproca entre o centro e a periferia e os níveis intermédios da Congregação.

Para isto:

a) procurarão os Superiores melhorar a consistência e a qualidade da informação salesiana;

b) os Inspetores e Diretores a colocarão à disposição de todos os Irmãos e procurarão valorizá-la por todos os meios, como instrumento de comunhão comunicando ao centro as iniciativas que possam estimular a inventiva e a criatividade na Congregação (CGE 516; 721-722).

4. Defender e reforçar o caráter comunitário da nossa missão (CGE 29; 84).

Poder-se-á obter:

a) ajudando os Irmãos a inserir e realizar no quadro comum suas particulares aptidões;

b) conferindo o mandato comunitário a quantos exercem particulares atividades da missão salesiana a serviço de nossa Família ou da Igreja local;

c) evitando as missões "individualísticas" mediante a aplicação das normas existentes em clima de diálogo fraterno com o interessado;

d) resolvendo com oportuna energia, embora respeitando a pessoa, as situações "anômalas" em que se encontram alguns Irmãos.

III. INSPETORIA "COMUNIDADE FORMADORA".

O terceiro campo de empenho, no qual devemos concentrar as forças e as iniciativas é *obter que a Inspetoria opere como Comunidade Formadora".*

O CGE (n. 512) considera elemento fundamental de nossa renovação "a redescoberta e revalorização da Comunidade Inspetorial" (cfr. Const. 57; 162; 167; 168).

O processo de descentralização, já há três anos caminhando, fez-nos alcançar a extrema urgência de que cada Inspetoria assuma conscientemente e com programa, sua função insubstituível de "Comunidade formadora". É necessário que a tarefa formativa das Inspetorias seja delineada e realizada convenientemente, de modo especial sob os seguintes aspectos:

1. *O primado de nossa experiência de Deus.*

No atual clima cultural, fácil ao horizontalismo e ao aburguesamento, os responsáveis pela Inspetoria devem cuidar oportunamente o aprofundamento do verdadeiro sentido da nossa missão salesiana (cfr. CGE 179), recuperando a profundidade da união com Deus em uma vida de trabalho e temperança (cfr. CGE 127).

Por isso:

a) dê-se particular importância à boa realização dos "tempos fortes", especialmente dos exercícios espirituais;

b) promovam-se iniciativas para a educação à oração pessoal e comunitária, de acordo com as atuais exigências;

c) busque-se o modo de "reavivar continuamente a dimensão divina do empenho apostólico" (Const. 48), habilitando à revisão dos motivos que inspiram o trabalho.

2. *O cuidado da nossa identidade vocacional.*

Uma das constatações que mais aparecem nos vários "relatórios" feitos é a "queda" da nossa especificação salesiana: o "genericismo" da "missão" e no "espírito' danifica a identidade congregacional.

É urgente que cada Inspetoria intensifique sua responsabilidade formadora neste setor tão delicado.

Por isso:

a) sejam valorizados com encontros e programações especiais, no âmbito da "formação permanente", dentro de cada Comunidade, de cada Inspetoria, e de várias Inspetorias convergentes, os aspectos tipicamente salesianos da nossa missão e do nosso espírito;

b) sejam cuidados seriamente, no âmbito da "formação inicial", as etapas de admissão e de primeiro crescimento dos novos sócios, assegurando a qualidade salesiana sobretudo em o Noviciado e evitando a falta de unidade e continuidade nas diversas etapas do período formativo, e a excessiva instabilidade e variação das estruturas de formação;

c) leve-se a efeito quanto antes, como meio prático para garantir uma programação melhor e uma estabilidade maior no empenho formativo inspetorial nos dois âmbitos acima indicados, a compilação de uma Ordenação ou Diretório da formação salesiana (cfr. Const. 106), seguindo os critérios de redação sugeridos pelo Dicastério da formação;

d) insista-se convenientemente sobre a "re-descoberta" da Família Salesiana: é de grande valor para o aprofundamento da nossa identidade congregacional saber cuidar da função a nós destinada no conjunto da Família Salesiana (cfr. Const. 5; Reg. 30, 31; CGE 158-170; 740).

3. *Preparação e formação dos Diretores*

A experiência geral nos garante que toda renovação passa através da Comunidade local, que toda intervenção formativa inspetorial permanece precária enquanto não for assumida pela Comunidade local e que cada Comunidade local toma o ritmo de empenho religioso e apostólico principalmente do Diretor.

Por outro lado, em toda parte manifesta-se uma urgente exigência de verdadeiros mestres de espírito e animadores.

Por isso:

a) prepare cada Inspetoria os Diretores de Comunidades, quer antecipando ao seu serviço de autoridade um justo tempo de partici-

pação a cursos previstos, quer organizando em forma interinspetorial e regional cursos de formação para Diretores, em que sejam indicadas as prioridades do trabalho a ser realizado (animação, relações, programação, organizações);

b) a Inspetoria auxilie os Diretores de Comunidade, seja com encontros regulares, de formação e de oração, seja com revisão e comparações acerca das modalidades no exercício da autoridade.

2. Conclusões Operacionais do Encontro Continental Latino-Americano

Apresentamos, também deste Encontro análogo ao precedente, e realizado em Cachoeira do Campo (Brasil) de 24 a 31 de maio de 1975, com a participação dos Inspetores e Delegados da América Latina, estas

CONCLUSÕES OPERACIONAIS

Reunidos para avaliar nosso esforço de renovação pós-capitular, tivemos oportunidade de experimentar a vitalidade da comunhão salesiana, a verdade de nossa convicção de que o Espírito do Senhor visitou a Congregação no Capítulo Geral Especial, e a adesão plena e agradecida a Dom Bosco, Pai e Fundador, no centésimo aniversário da implantação de seu carisma em nosso continente latino-americano.

Sentimos intensamente a crise própria destes anos. Hoje, com humildade e agradecimento, notamos uma recuperação na identidade salesiana, no dinamismo da presença apostólica e em nossa fecundidade vocacional.

A seriedade da comum revisão destes dias, a confrontação mútua entre tantas Inspetorias, o diálogo franco e fraterno entre periferia e Centro, confirmaram-nos da importância e eficácia da aplicação das orientações capitulares.

A análise objetiva da realidade e da limitação de nossas forças mostrou-nos falhas e deficiências perigosas e revelou-nos *frentes atuais de compromisso*: ela obriga-nos a uma estratégia de programação comum *para os próximos dois anos.*

Centralizamos nossa atenção sobre três áreas prioritárias: para elas vamos fazer convergir nossos esforços seguindo a luz que nos vem das Constituições, dos Regulamentos, dos Documentos Capitulares e das fontes originárias de nossa Congregação.

1. NOSSA REALIDADE LATINO-AMERICANA INTERPELA-NOS, COMO SALESIANOS, ESPECIALMENTE NO PLANO DA EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE

Através da reflexão comum, tomamos consciência em forma mais clara da urgência de nosso compromisso evangelizador e catequístico, como Congregação, perante a juventude latino-americana e suas necessidades atuais.

Evangelização e catequese são dimensões *prioritárias* que deverão orientar e determinar todas as nossas iniciativas pastorais (reestruturação de obras, novas presenças, qualificação do pessoal, "curriculum" formativo etc.). (Cfr. CGE 279, 398, 361).

1.1. *Por isso comprometemo-nos a progredir nas seguintes linhas de ação*:

1.1.1. Cada Região e Conferência Inspetorial *porá em destaque esta prioridade* em todos as suas iniciativas, encontros, grupos de reflexão, intercâmbios de experiência, apoios mútuos, publicações em comum etc.

1.1.2. Cada Inspetoria assumirá sua *tarefa de animadora* do compromisso catequístico para os diversos grupos da Família Salesiana, em particular para os Cooperadores.

1.1.3. Cada Inspetoria, nos próximos dois anos, estudará como pôr em andamento *novas experiências* no campo da catequese, especialmente nos setores-chave para o serviço da Igreja local (CGE 340 c) que despertem, promovam e dêem nova mística aos Salesianos e aos colaboradores leigos, como também aos jovens engajados e aos pais de família.

1.1.4. Cada comunidade local, qualquer que seja sua missão e atividade, comprometer-se-á em uma ação de *co-responsabilizar os*

leigos no trabalho evangelizador, selecionando-os, formando-os e assistindo-os adequadamente (CGE 428).

1.2. *Para perfazer quanto expressamos, julgamos necessário criar e manter as seguintes estruturas de apoio:*

1.2.1. *Em nível inspetorial:*

1.2.1.1. Aperfeiçoar e atuar o plano de *qualificação catequística* para os Salesianos pedido pelo CGE 337 b.

1.2.1.2. Tornar efetiva a existência e o funcionamento de um *serviço pastoral* ágil e especializado para a animação catequística de cada Irmão (CGE 341), das comunidades locais e de toda a Comunidade Inspetorial (CGE 338, 399).

1.2.2. *Em nível interinspetorial:*

Estudar o encaminhamento de um ou dois *centros de catequética para a promoção de formadores de catequistas,* levando em conta possíveis ligações e colaboração com a UPS.

2. Inspetoria: Comunidade Formadora

(Cf. Const. 57, 106, 162, 167, 168, 172, 177; CGE 512, 672, 29, 84, 185, 402, 411, 506, 720; ACS n. 272: Circular sobre Unidade e Descentralização).

O processo de descentralização em ato depois do CGE encontrou em nossas regiões uma sensibilidade e um assumir responsabilidades que julgamos globalmente positivos. Falta muito ainda, certamente, por fazer para se chegar a uma Inspetoria que atue como verdadeira "comunidade formadora".

Neste campo assinalamos como *linhas de ação:*

2.1. *Crescimento da vida no Espírito, assegurando a primazia de nossa experiência pastoral e comunitária de Deus.*

Para isto:

2.1.1. Dar *atenção prioritária* aos *tempos fortes,* cuidando da:

— educação à oração e à meditação da Palavra de Deus;

— centralidade da Eucaristia em cada comunidade local;

— revalorização de toda a dimensão penitencial cristã;

— reatualização de nossa devoção mariana.

2.1.2. Preocupar-se em formar e *qualificar os Diretores* como verdadeiros animadores espirituais das comunidades.

2.2. *Aprofundar os valores da identidade salesiana.*

Nesta linha constata-se hoje, como já notamos, não só uma consciência maior de identidade, como também um maior esforço de criatividade na missão e de fidelidade ao espírito salesiano. Urge, porém, maior esforço de dedicação nos seguintes aspectos:

2.2.1. "Trabalho e temperança": revisar o sentido concreto de nossa "disciplina salesiana" através do "scrutinium paupertatis" e da autenticidade e pedagogia de uma verdadeira castidade religiosa.

2.2.2. Uso e estudo das diretrizes salesianas:

— leitura, também litúrgica, das Constituições;

— conhecimento mais profundo do CGE, das circulares e orientações próprias da Congregação;

— conhecimento da literatura salesiana.

2.2.3. Intensa promoção da figura do *Salesiano Coadjutor,* que é elemento indispensável de nossa identidade comunitária:

— *sensibilizando a Comunidade Inspetorial e a Família Salesiana* sobre os valores vocacionais da figura do Salesiano Coadjutor;

— *Organizando serviços de promoção vocacional* com a presença de algum Salesiano Coadjutor.

2.3. *Melhorar os serviços de formação.*

É particularmente urgente assegurar sã incorporação das novas gerações à nossa Família Salesiana e a reatualização de todos por meio da formação permanente. Para tal fim:

2.3.1. Empenhar-se no aperfeiçoamento da capacidade formativa do postulantado, do noviciado e do pós-noviciado. Urge concentrar especiais esforços no pós-noviciado.

2.3.2. Cuidem os Inspetores do funcionamento da equipe de formação e da redação e revisão periódica do Diretório da Formação.

2.3.3. O Conselho Inspetorial deve ter um plano de qualificação do pessoal, particularmente em vista das iniciativas da formação.

2.3.4. Organize-se em nível interinspetorial (de Conferência e Região) a maior colaboração possível no campo da formação, tanto permanente como inicial.

2.3.5. Utilizem-se, em nível de continente, de Região e de Conferência, equipes de reflexão e de consulta que ajudem a enfrentar, com maior atualidade salesiana, os delicados problemas da transformação latino-americana.

3. Unidade na Descentralização

Examinando juntos os problemas da unidade e da descentralização na Congregação à luz das Constituições renovadas (125-127), dos Atos do Capítulo Geral Especial (720-722) e da carta do Reitor-Mor (ACS n. 272), constatamos que, mesmo dentro da diversidade das situações sócio-culturais da América Latina, a comunhão salesiana é fortemente sentida e atuada.

Damo-nos conta, entretanto, da urgente necessidade de potencializar este sentido de unidade. Por isso poremos em prática as seguintes orientações:

3.1. Aumentaremos com oportunas iniciativas o conhecimento cada vez mais profundo dos textos fundamentais de nossa vida salesiana e a fidelidade ao que nos transmitem:

3.1.1. Das *Constituições* que descrevem o projeto concreto de nossa vocação;

3.1.2. Dos *Regulamentos* que indicam a realização prática dos valores propostos nas Constituições.

3.2. Facilitaremos o acesso às fontes de nossa espiritualidade. Para essa finalidade:

3.2.1. As *editoriais salesianas* elaborarão, colaborando, um plano para a produção e difusão da literatura salesiana;

3.2.2. Os *responsáveis* em todos os níveis darão aos Irmãos a possibilidade de utilizar tais subsídios.

3.3. Empenhar-nos-emos para que os grupos de Inspetorias, Conferências Inspetoriais e Inspetorias, ajudadas pelo Conselheiro Regional (que assegura a união com o Reitor-Mor e seu Conselho e o conhecimento dos problemas da Região por parte do Centro):

3.3.1. *Assumam concretamente* o exercício das funções e das faculdades que lhes determina o CGE XX;

3.3.2. Nos cursos, encontros e outros serviços promovidos para os animadores da comunidade, *apresentem e inculquem* o novo estilo de animação e a função de vínculo de união com a Comunidade Inspetorial e Mundial que compete ao Diretor.

3.4. Vamos favorecer ativa comunicação em todos os níveis entre o Centro e a periferia, e em toda direção, de notícias, informações e experiências. Vamos também estudar o modo de fazer chegar o material correspondente a todos os Irmãos, especialmente aos que se acham no período de formação e aos animadores dos diversos grupos da Família Salesiana (CGE 516, 721, 722).

3.5. Reafirmaremos praticamente o *caráter comunitário* da missão salesiana (Const. 34; CGE 29, 84):

3.5.1. *Fazendo funcionar,* no exercício da autoridade, os *instrumentos de diálogo,* de procura comunitária da vontade de Deus, do serviço de decidir, próprio do Superior, de execução co-responsável, por parte de todos, do projeto comunitário (CGE 367, 640);

3.5.2. *Ajudando os irmãos* a integrar e realizar seus dotes pessoais no projeto comunitário;

3.5.3. *Reconhecendo o caráter comunitário* do trabalho dos que, por mandato, desempenham qualquer missão em favor da Família Salesiana ou da Igreja local;

3.5.4. *Orientando convenientemente,* mas com energia, os irmãos que tendem a atividades de tipo individualista;

3.5.5. *Eliminando com caridade,* mas com firmeza, as situações irregulares de algum irmão.

Aqui, em Cachoeira do Campo, lugar que liga nossa memória salesiana a Dom Luís Lasagna e aos primeiros grandes filhos de Dom Bosco vindos para a América Latina, trouxemos a pluriformidade de nossas variadas situações sócio-culturais, como testemunho de uma idêntica e única vocação.

Nosso encontro foi uma experiência vivida de identidade na diversidade e quer ser um propósito de crescimento na unidade salesiana.

3. Da Santa Sé: a vigilância sobre os livros

Dia 19.3.1975 a "Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé" promulgou o decreto "sobre a vigilância dos Pastores da Igreja acerca dos livros". Apresentamos o texto das novas normas como foi publicado em tradução portuguesa no "Osservatore Romano" de 10.4.1975.

Aos Pastores da Igreja, a quem foi confiado o cuidado de anunciar o Evangelho em todas as partes da terra (1), compete conservar, expor, difundir e tutelar as verdades da fé, bem como promover e defender a integridade dos costumes. Sem dúvida "Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos. Por isso, Cristo Senhor, em Quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma, mandou aos Apóstolos que pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, o Evangelho prometido antes pelos Profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente, comunicando-lhes, assim, os dons divinos" (2). Por isso o múnus de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida foi confiado somente ao Magistério vivo da Igreja (3). Exercem-no os Bispos, sucessores dos Apóstolos, mas de modo especial o exerce o sucessor de Pedro, como perpétuo e visível fundamento de unidade quer dos Bispos, quer da multidão dos fiéis (4). Também os próprios fiéis, cada um segundo a sua tarefa, de modo particular os cultores das ciências sagradas, têm o dever de cooperar com os Pastores da Igreja para conservar e transmitir integralmente as verdades da fé e proteger os costumes.

(1) Cfr. Conc. Vat. II, Const. dogm. *Lumen Gentium*, n. 23.
(2) Conc. Vat. II, Const. dogm. *Dei Verbum*, n. 7.
(3) Const. dogm. *Dei Verbum*, n. 10.
(4) Cfr. Const. dogm. *Lumen Gentium*, loc. cit.

A fim de conservar e defender a integridade das verdades da fé e dos costumes, compete aos Pastores da Igreja o dever e o direito de vigiar para que a fé e os costumes dos fiéis não sejam prejudicados por escritos, e por isso também de exigir que a publicação de escritos relativos à fé e aos costumes seja submetida à sua aprovação prévia; bem como de reprovar livros ou escritos que atacam a reta fé e os bons costumes. Este múnus incumbe aos Bispos, quer individualmente, quer reunidos em Concílios particulares e nas Conferências Episcopais, em relação aos fiéis confiados à sua solicitude, e à suprema autoridade da Igreja, em relação a todo o Povo de Deus.

No que se refere a livros e a outros escritos que devem ser publicados, esta Sagrada Congregação, depois de ter consultado diversos Ordinários dos lugares onde a atividade editorial é mais intensa, em Congregação Plenária estabeleceu as normas seguintes:

Art. 1

1. Se não se estabelecer outra coisa, o Ordinário do lugar, a quem se deve pedir a aprovação para a publicação de livros, segundo as normas que seguem, é o Ordinário do lugar próprio do Autor ou o Ordinário do lugar onde os livros venham a ser publicados, porém de modo que se um deles tiver negado a aprovação, não é lícito ao Autor pedi-la ao outro sem o ter informado da precedente recusa de aprovação.

2. O que se estabelece com estas normas, quanto aos livros, deve ser aplicado a todo o gênero de escritos destinados à divulgação, a não ser que conste outra coisa.

Art. 2

1. Os livros da Sagrada Escritura não podem ser publicados senão os que forem aprovados ou pela Sé Apostólica ou pelo Ordinário do lugar; também para se poderem publicar as suas traduções em língua vernácula, requer-se que sejam aprovadas pela mesma autoridade e ao mesmo tempo sejam acompanhadas das necessárias e suficientes explicações.

2. As traduções da Sagrada Escritura, acompanhadas das convenientes explicações, podem, com o consenso do Ordinário do lugar [5], ser preparadas e publicadas pelos fiéis cristãos também em colaboração com os irmãos separados.

Art. 3

1. Os livros litúrgicos bem como as suas traduções em língua vernácula e as suas partes não hão-de ser publicados senão por mandato da Conferência Episcopal e sob a sua vigilância, com prévia confirmação da Sé Apostólica.

2. Para publicar novamente livros litúrgicos aprovados pela Sé Apostólica bem como as suas traduções em língua vernácula, feitas e aprovadas segundo a norma do par. 1, e as suas partes, deve constar da sua concordância com a edição aprovada, mediante testemunho do Ordinário do lugar onde forem publicados.

3. Também os livros que propõem preces para a oração em particular não se publiquem senão com a licença do Ordinário do lugar.

Art. 4

1. Para publicar os catecismos e outros escritos relativos ao ensino catequético bem como as suas traduções, requer-se a aprovação do Ordinário do lugar ou da Conferência Episcopal quer nacional quer regional.

2. Se não forem publicados com a aprovação da Autoridade eclesiástica competente, não podem ser usados (como livros de texto) nas escolas elementares, médias ou superiores, os livros relativos a questões de Sagrada Escritura, de Sagrada Teologia, de Direito Canônico, de História Eclesiástica e de disciplinas religiosas ou morais.

3. Recomenda-se que sejam submetidos à aprovação do Ordinário os livros que tratam das matérias de que se fala no par. 2, embora não se usem como livros de texto, bem como os escritos onde haja

(5) Cfr. Conc. Vat. II, Const. dogm. *Dei Verbum*, nn. 22, 25.

alguma coisa de maneira especial relacionada com a religião ou com a honestidade dos costumes.

4. Nas igrejas e nos oratórios, não se podem expor, vender ou distribuir livros ou outros escritos que tratem de questões religiosas ou morais, se não forem publicados com a aprovação da Autoridade eclesiástica competente.

Art. 5

1. Atendendo ao seu múnus e à sua especial responsabilidade, recomenda-se vivamente aos clérigos seculares que, sem licença do respectivo Ordinário, não publiquem livros sobre questões religiosas ou morais; e, aos membros de Institutos de perfeição, sem licença do Superior Maior, salvas as suas Constituições que imponham essa obrigação.

2. Os fiéis, a não ser por um motivo justo e razoável, não podem escrever nos jornais, folhas ou publicações periódicas que costumam atacar manifestamente a religião católica ou a moral; porém os clérigos e os membros de Institutos de perfeição (podem escrever) só com a aprovação do Ordinário do lugar.

Art. 6

1. Salvo o direito de, segundo a própria prudência, cada um dos Ordinários confiar o juízo sobre livros a pessoas da sua confiança, a Conferência Episcopal pode, em cada uma das regiões eclesiásticas, redigir uma lista de censores, eminentes pela ciência, reta doutrina e prudência, que estejam à disposição das Cúrias episcopais, ou constituir uma Comissão de censores que os Ordinários dos lugares possam consultar.

2. Posta de parte toda a acepção de pessoas, o censor, no cumprimento do seu encargo, apenas deve ter presente a doutrina da Igreja acerca da fé e dos costumes, como a propõe o Magistério eclesiástico.

3. O censor deve dar, por escrito, o próprio parecer; se for favorável, o Ordinário, segundo o seu prudente juízo, conceda a licença para a publicação com a sua aprovação, expressando o seu nome, bem como a data e o lugar da aprovação concedida; se, porém, não a conceder, o Ordinário comunique ao escritor os motivos da recusa.

O Sumo Pontífice Paulo VI, no decurso da Audiência concedida, a 7 de Março de 1975, ao abaixo-assinado Prefeito, aprovou e mandou que se publicassem estas normas propostas na Congregação Plenária da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, derrogando, ao mesmo tempo, as prescrições do Código de Direito Canônico contrárias a estas normas.

Dado em Roma, da sede da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, no dia 19 de março de 1975.

VI. DOS NOTICIÁRIOS INSPETORIAIS

Esta seção apresenta iniciativas, experiências, programas e reflexões dos irmãos (muitas vezes sobre problemas e situações apenas locais), como aparecem nos Noticiários Inspetoriais que chegam à Direção Geral.

Sugerida também pelo CGE, que recomenda divulgação de "um extrato das principais iniciativas tomadas no mundo salesiano para a renovação" (CGE 763, 3b), esta seção atende antes de mais nada a uma exigência de informação, e não comporta necessariamente um juízo de valor, por parte do Conselho Superior, com relação a quanto vai publicado.

1. Insp. de Bahia Blanca — A Patagônia para o Centenário das Missões

A Patagônia Salesiana "sente-se de um modo todo especial envolvida nestas comemorações, e procurará vivê-las com a consciência de haver sido a primeira destinatária do projeto missionário de Dom Bosco".

Com estas palavras o Inspetor de Bahia Blanca P. João Cantini iniciou um comunicado aos seus irmãos sobre as iniciativas que vão caracterizar o ano centenário na terra dos sonhos de Dom Bosco (NI. de Bahia Blanca, 11.3.1975, pág. 3-4). Um resumo:

A evocação do passado é estímulo e inspiração para reverdecer os empreendimentos missionários daqueles pioneiros que nos precederam. Esta evocação passará através de comemorações e iniciativas de caráter nacional, inspetorial e local.

Entre as *iniciativas nacionais* programadas estão: jornadas de estudo sobre a evangelização e jornadas de espiritualidade salesiana; três encontros nacionais (dos colaboradores leigos nas obras salesianas, dos dirigentes dos movimentos juvenis, dos Cooperadores salesianos); o festival juvenil da "Canção-mensagem"; as Olimpíadas da juventude salesiana; uma peregrinação dos Ex-alunos; duas publicações (uma biografia de Dom Bosco e um número único sobre as missões salesianas).

As *iniciativas de caráter inspetorial* são particularmente interessantes. Em primeiro lugar as devidas celebrações de caráter religioso

em todas as igrejas em que trabalharam os primeiros missionários salesianos (incluídas evidentemente as de Viedma e Patagones, as duas primeiras fundações verdadeiramente missionárias), e a comemoração civil que se realizará em Bahia Blanca. Mas está sendo projetada também a construção de salões e salões-capelas para uso das comunidades cristãs em "locais de missão" e nas periferias (pelo menos sete localidades já estão catalogadas). Está previsto também o aumento das iniciativas denominadas "Missões juvenis estivas": trata-se de grupos de jovens, animados pelos Salesianos, que, de alguns anos para cá, seguem a trabalhar em zonas subdesenvolvidas (já catalogados dez grupos em atividade — a estes se acrescentarão provavelmente numerosos outros). As F.M.A. organizarão por seu turno um encontro catequístico sobre o tema da evangelização.

Estão sendo encorajadas também *as iniciativas em nível local*, "as quais certamente — garante o Inspetor de Bahia Blanca — neste ano encontrarão a forma mais adequada a suscitar o interesse, principalmente para conhecer Dom Bosco, as suas missões, as possibilidades missionárias mesmo na Patagônia, e as necessidades maiores e mais urgentes que existem em outros lugares. E do simples conhecimento, poder-se-á passar a fazer e viver, repetindo as empresas missionárias dos pioneiros que Dom Bosco enviou em seu tempo".

Trata-se enfim, lembra o Inspetor, de realizar a meta fixada pelo Reitor-Mor para este ano centenário: "Reavivar o espírito missionário em toda a Família Salesiana".

2. Insp. de Barcelona — Os noviços descobrem a vida salesiana

Os 20 noviços de Sentmenat "também este ano saíram do noviciado a fim de realizarem um mês de experiência da vida comunitária em nove casas da Inspetoria". Eis um resumo que o mestre dos noviços, P. José Galofré, traçou da experiência (NI — maio 1975, pág. 1-5).

De 10 de fevereiro a 14 de março os noviços "condividiram" com os Salesianos da Inspetoria seus momentos de oração, de trabalho e de distensão, dispostos a aprender muito e a fechar um pouco os olhos sobre as limitações existentes nas comunidades (que o CGE realisticamente definiu como "comunidades de homens imperfeitos").

Terminada a "experiência", fizemos juntos a "revisão comunitária".

Uma coisa notaram os noviços: nas comunidades não muito numerosas é mais fácil a integração, isto é, sentir que "formamos uma família". Têm-se mais relações interpessoais: a gente se fala, se comunica mais. Os jovens noviços — e os Salesianos jovens de hoje — não se satisfazem mais com uma simples co-existência pacífica, mas pedem e exigem de nós um afeto mais humano e concreto, que leve a um conhecimento mais profundo do irmão. E isto não só em nível humano, mas também e principalmente em nível de fé.

Na revisão comunitária os novos expressaram seus julgamentos sobre a comunidade em que viveram, considerando-a sob o aspecto de comunidade orante, fraterna e apostólica.

Sobre a *vida de oração* notaram que é levada a sério pelos irmãos, mas que rezamos com pressa, muitas vezes sem preparação nem ambientação para os diversos momentos. Recolheram também anotação de um valor muito positivo para eles, isto é, que em algumas casas os irmãos estão encarregados, por turnos, da preparação e ambientação das preces (por exemplo, para as laudes, vésperas, eucaristia).

Embora não duvidando de que sejamos homens de oração, observaram entretanto que se fica em dúvida, não muito esclarecida, quanto à impressão de ser mais homens de ação do que de oração. Para dizer a verdade, também eles dão impressão ainda menor; mas de nossa parte, irmãos que professamos há muitos anos, talvez eles esperavam um pouco mais...

Quanto a *"comunidades fraternas"*, as comunidades visitadas deram aos noviços a impressão de que os irmãos se aceitam, se respeitam, se ajudam. Notaram que esta união é mais forte entre os irmãos que trabalham no mesmo campo de apostolado, isto é, que a missão em comum serve muito a torná-los unidos.

Nas comunidades não muito grandes repararam um inconveniente: basta um só irmão "difícil", para criar problemas para todos (nas comunidades grandes, ao invés, os irmãos difíceis são menos notados e influem menos na vida comunitária...).

Quanto a ser *apostólicas*, as comunidades aos olhos dos noviços apareceram como constituídas às vezes mais por trabalhadores do que por apóstolos... Mas no conjunto seu julgamento resultou positivo.

Eles avaliaram também a experiência deles mesmos. São unânimes em reconhecê-la positiva e necessária. Desejavam — sentiam mesmo necessidade — de conhecer como atuam as comunidades entre as quais

em breve terão de se inserir por toda a vida. Viram luzes e sombras, mas — dizem — muito mais luzes do que sombras. Realmente certificaram-se do trabalho sacrificado dos irmãos. E vislumbraram a grande faixa de possibilidades apostólicas que se abre a quem tenha verdadeiramente vontade de trabalhar em prol da juventude. Apenas um aspecto negativo: a experiência foi muito breve para eles (quando estavam bem integrados na comunidade que os hospedava, tiveram que abandonar tudo... e voltar ao noviciado).

3. Insp. de Recife — A despedida de um Bispo

Dom Edvaldo G. Amaral, nomeado em fevereiro último Auxiliar do Arcebispo de Aracaju, ao deixar sua Inspetoria e seus irmãos salesianos, dirigiu-lhes uma saudação comovida que deixa bem transparecer o estado de alma do verdadeiro filho de Dom Bosco, obrigado, para obedecer ao Papa, a viver longe da Comunidade salesiana, (NI de Recife, março 1975, pág. 7-8).

"Uma determinação do Santo Padre me afasta do apostolado educativo e da vida de nossos colégios para servir ao Povo de Deus na Hierarquia de sua Igreja. Mas esse fato novo em minha vida não me virá afastar da Congregação à qual espero pertencer até o fim de meus dias.

Tudo que tenho e sou, devo-o primeiramente à Congregação Salesiana. Desde a restauração de minha saúde até os estudos realizados e as experiências vividas em tão diversas oportunidades durante esses 36 anos: a formação básica e a especial, o decênio de pastoral com os queridos cooperadores, os anos de responsabilidade de comunidades e de administração escolar e a maravilhosa experiência romana do Capítulo Geral. Todas, grandes oportunidades que a Congregação generosamente me ofereceu, acima de meus méritos e dos serviços prestados.

Por tudo isso sou grato a Deus e devedor à nossa Família religiosa, a quem sempre desejei servir com dedicação exclusiva.

Mas acontece, meus caros irmãos, que após incertezas e tratativas, não soube dizer "não" na hora em que as coisas se concretizaram.

Não me iludo, porém, com os festejos e homenagens do momento e sei que dias difíceis estão por vir, sem poder contar com o apoio e a ajuda da estrutura comunitária de nossa Congregação.

Sei que a solidão, as incompreensões e os fracassos não tardarão no mundo em que vou ingressar, mas espero superá-los com a confiança em Deus, a ajuda de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Aracaju, com o grande apoio de meu Arcebispo e de meus irmãos sacerdotes, e com as orações de toda a família salesiana.

Compreendo que, se na hora presente é árduo ser chefe de uma comunidade de consagrados, mais difícil ainda será participar do complexo serviço de governo de uma circunscrição eclesiástica.

Reconheço todavia que a ordem episcopal outra coisa não é senão a plenificação do sacerdócio. Se Dom Bosco se proclamava "Padre, sempre e acima de tudo, Padre", assim também o bispo terá que ser um "padre: mais-que-padre", na expressão de um pensador de nossa região.

Peço perdão a todos os meus Irmãos do Nordeste pelos maus exemplos que lhes dei ao longo desses anos e pelos desacertos que terei cometido como diretor de três comunidades.

Confio nas orações de todos na hora em que me separo de vocês.

Enfim, a minha mensagem aos Irmãos da Inspetoria é que permaneçam fiéis aos ideais de Dom Bosco a serviço da juventude do nosso tempo e da nossa Pátria.

Que os antigos se convertam aos novos tempos e compreendam o novo contexto histórico em que nos é dado viver e servir.

E que os moços, com sinceridade de propósitos, com sacrifício e doação e com profundeza de convicções, se preparem para assumir suas responsabilidades na nova era que surge para a Congregação e para a Igreja.

VII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. Necessidade da virtude da fortaleza

Apesar de todas as manifestações de força até à violência mais cruel, não é fácil hoje encontrar exemplos de verdadeira fortaleza, quer como virtude natural, quer como virtude cristã. Fortaleza na vida pessoal, fortaleza no testemunho das razões de um estilo próprio de vida.

Paulo VI no-lo recordou a todos em uma audiência geral na praça São Pedro na tarde de 28 de maio último.

Também a nossa vocação, como necessita de um contínuo "suplemento de Fé", assim, hoje de modo especial, necessita de uma Fortaleza espiritual e moral continuamente renovada. (Do Oss. Rom. de 30.5.1975).

Todos nós recordamos que um dos temas programáticos do Ano Santo que estamos a celebrar é a renovação da vida cristã. Ora, para infundir na nossa vida cristã esta renovação, devemos restaurar com outras virtudes e recursos do Espírito, a virtude da fortaleza, tal como ela é entendida na nossa pedagogia moral.

Sim: fortaleza! Será, acaso, legítima a concepção de um cristianismo fraco; de um cristianismo desprovido de firmeza nas suas convicções, agnóstico, indiferente, volúvel, oportunista e vil; de um cristianismo tímido e com medo de si mesmo, manobrado pelo respeito humano? Será autêntico e novo um cristianismo que, na prática, no confronto com o ambiente circunstante, se encontra disponível para todo o conformismo e sobretudo levado pela ânsia de evitar incômodos, críticas, ironias, e pelo desejo manifesto de aproveitar todas as ocasiões para fazer boa figura, garantir-se lucros, poupar-se a aborrecimentos e fazer carreira?

Aonde foi parar a antiga educação para o caráter pessoal, para a coragem moral, para a coerência social, para o sentido do dever e da responsabilidade?

Recordemo-lo bem: um cristão, e especialmente um católico, deve ser forte. Queremos dizer: forte espiritualmente e moralmente. Um seguidor de Cristo não deve ter medo. Pelo contrário, sente-se envolvido por uma atmosfera de Providência, que torna em bem mesmo

as coisas adversas, as quais, aliás, podem também cooperar para o nosso bem, se amamos a Deus (cfr. Rom. 8,28). Sente-se investido por um dever de testemunho, que o liberta da timidez e do oportunismo, e, no momento oportuno, lhe sugere compostura e palavra, provenientes de uma nascente interior, de que talvez, antes da prova, ele ignorasse a existência. Quando também vós fordes dominados por adversários mais fortes que vós, ensina-nos o Senhor no Evangelho, "não vos preocupeis nem como haveis de falar, nem com o que haveis de dizer: nessa altura ser-vos-á inspirado o que tiverdes de dizer. Porque não sereis vós a falar, mas é o Espírito do vosso Pai que falará em vós" (Mt. 10, 19-20).

Neste ponto há um paradoxo a resolver: não é verdade que nós somos fracos, pela nossa natureza enferma? Sim, é verdade; até o próprio Jesus o disse, no Getsêmani: "a carne (isto é, a nossa natureza humana) é fraca", mas ao mesmo tempo Ele afirmou que "o espírito, está pronto" (Mt. 26, 41); e S. Paulo explicou que precisamente quando humilde e realisticamente, nos confessamos atribulados, é então que somos fortes, porque o Senhor lhes havia dito, interiormente: "Basta-te a Minha graça, porque é na fraqueza que a Minha força se revela totalmente" (2 Cor. 12, 9). Fraqueza e fortaleza, pois, no cristão podem ser complementares (cfr. entre os antigos: ORÍGENES, Exortação para o martírio; entre os modernos: G. BERNANOS: Diálogo das Carmelitas).

Há uma orientação corajosa a imprimir na nossa vida cristã, privada e pública, a fim de não nos tornarmos insignificantes no mundo do espírito, e até mesmo cúmplices de ruínas comuns. E depois, não procuremos no indevido recurso à nossa liberdade pessoal um pretexto para nos submetermos ao jugo de inadmissíveis opiniões de outros. "Livre é aquilo que é causa de si mesmo" (S. TOMÁS, Metaph. II, 9); "só os seres que se movem a si mesmos possuem a liberdade", ensina-nos Mestre Tomás (S. TOMÁS, Contra G. II, 48). E a única coisa que legitimamente nos vincula por dentro é a verdade: é ela, diz o Senhor, que "nos libertará" (cfr. Jo. 8, 32).

Por conseguinte, a tendência moderna para abolir todo o esforço ético ou pessoal (excepto no campo desportivo, e está bem, mas não basta), não conduz a um verdadeiro progresso humano. A Cruz está sempre erguida na nossa frente, e chama-nos para o vigor moral, para o sacrifício (cfr. Jo. 12, 25) que nos assimila a Cristo e pode salvar a nós e ao mundo.

2. A Vocação

Como a nossa Fé tem as suas "razões" (e não poderia ser de outro modo), assim a nossa vocação, sobretudo a fidelidade a ela, e de modo especial em certos momentos e em certas situações que a crise dos valores hoje torna de fato sempre mais freqüentes e sempre mais agudas.

Isto é confirmado pela palavra autorizada de Paulo VI que tiramos da "mensagem dirigida aos bispos, aos sacerdotes, aos religiosos, aos leigos, aos educadores e aos jovens", por ocasião da comemoração do "dia mundial de orações em prol das vocações" celebrada em 20 de abril, quarto Domingo de Páscoa. (Do Oss. Rom. de 9.4.1975).

"Entretanto, quando o Senhor chama alguém, de uma maneira particular, mediante uma iluminação interior e pela voz da Igreja, para O servir como sacerdote, como religioso ou como membro de qualquer instituto secular, Ele suscita nessa alma e exige dela também uma preferência absoluta pela Sua Pessoa e pela obra do Seu Evangelho: "Segue-me!". Uma tal preferência é fascinadora; ela é algo susceptível de colmar o coração humano. Pressupõe, porém, uma atitude de fé bem firme. E está aqui, queridos Filhos, o nó do problema das vocações. A vontade corajosa para um compromisso total e definitivo para o seguimento de Cristo apresenta-se mais difícil ainda no nosso tempo, dado que a serenidade dos próprios crentes se acha consideravelmente transtornada. E é preciso ter uma confiança total para se abandonar ao chamamento de Cristo.

Depois, essa mesma preferência pressupõe também uma vontade de ruptura, obviamente, com o pecado — mentira, impureza, egoísmo, ódio; e mais: ruptura também com certos valores humanos, que pertencem à ordem dos meios — as satisfações do amor humano, a riqueza, o êxito na carreira profissional, o prazer, o triunfo pessoal, o poder. Em contrapartida, para uma alma profunda, reta e generosa, os valores do Reino podem fazer-lhe encontrar: a alegria pura e simples, a sede de Deus encontrado na oração, o sentido do serviço dos outros e da solicitude pelas suas necessidades espirituais.

Mas, para tanto, como necessário se impõe ainda libertar-se do materialismo ambiente, para chegar a fazer uma avaliação assim para tomar uma tal decisão".

VIII. NECROLÓGIO

Diac. Felix Avendaño

* Managua (Nicaragua) 7-9-1946 † Guatemala, C.A. 19-4-1975 com 28 anos, 11 de profissão.

Quase às vésperas de sua ordenação sacerdotal um grave acidente rodoviário ceifava sua jovem vida, juntamente com a de quatro meninos do Colégio Dom Bosco de Guatemala, ao voltarem de um passeio escolar. Salesiano de apurado espírito apostólico, muito apegado à sua vocação, generoso e sacrificado no trabalho, sabia suscitar um salutar entusiasmo nos jovens, aos quais se dedicava sem limites.

Coad. Bernardo Belmonte

* Mojácar (Almeria — Espanha) 10-12-1903 † Mataró (Barcelona-Espanha) 11-2-1975 com 71 anos, 46 de profissão.

Sua atribulada vida de órfão desde a mais tenra idade preparou-o a conhecer bem a missão que Dom Bosco lhe confiaria por mais de 40 anos de atividade salesiana. Mestre tipógrafo, assistente perpétuo, terminava seu dia de labor à noite com os ensaios do teatrinho salesiano, cansado mas feliz. Muitos de seus ex-alunos estão muito bem colocados na sociedade, seguindo seus ensinamentos. Homem fiel, pontual e ao mesmo tempo humilde, simples, silencioso.

P. Afonso Di Cairano

* Staten Island (Nova York — USA) 23-9-1913 † Ramsey (USA) 29-4-1974 com 60 anos, 37 de profissão, 28 de sacerdócio.

Excelente salesiano, fiel à Regra e ao espírito de Dom Bosco, tornou-se querido dos irmãos e dos jovens pela caridade, alegria e otimismo. Humilde e sem pretensões, jamais pediu coisa alguma — mas esteve sempre atento a prestar favores e a ajudar todos aqueles que lhe vinham solicitar guia e amparo. Era técnico em fotografia e jornalismo e disso se serviu para o ensino. De coração pleno "vivia" a comunidade, no desejo de promover o bom espírito e a confraternização.

P. Vitantônio Camarda

* Cisternino (Brindes — Itália) 9-7-1917 † aí 5-4-1975 com 57 anos, 38 de profissão, 29 de sacerdócio. Diretor por 6 anos.

Herdou de sua família e do lugar onde nasceu a bondade, a laboriosidade e uma digna e sincera pobreza, virtudes que com o tempo mais ainda brilharam. Em sua vida os fatos foram muitos, na mesma medida em que as palavras eram poucas. O segredo de seu êxito sacerdotal e salesiano, malgrado um exterior austero e reservado, está no fato de que ele queria bem aos jovens e soube agir de tal forma que eles compreendessem seu afeto e sua dedicação. No final de sua vida, ao consumir-se lentamente na enfermidade, ainda se industriava a ser útil: visitas aos doentes, cuidado da biblioteca circulante, difusão da boa imprensa. Dedicação total e sacrifício até o fim.

P. Domingos Correa

* Santa Isabel (Uruguai) 4-8-1895 † Assunção (Paraguai) 19-5-1974 com 78 anos, 60 de profissão, 52 de sacerdócio.

Aos mais necessitados dedicou seus incomuns dotes de mente e de coração. De maneiras delicadas e nobres, distinguiu-se por seu espírito missionário. Passou 18 anos na China distribuindo o pão da evangelização aos pobres e aos pequeninos, que amou de todo coração. Devido a motivos políticos, teve oportunidade de ajudar Dom Muzzolon, desenvolvendo suas atividades apostólicas no Chaco Paraguaio, onde continuou a gastar todas suas energias com humildade e ardente zelo pelo bem das almas.

P. Sabino Doldan

* Montevidéu (Uruguai) 16-7-1910 † aí 26-10-1974 com 64 anos, 45 de profissão, 36 de sacerdócio. Diretor por 6 anos.

"Sentire cum Ecclésia" foi seu dístico sacerdotal e viveu-o com total doação. Seu trabalho por 10 anos na Secretaria da Nunciatura Apostólica em Montevidéu mereceu-lhe um particular agradecimento da Santa Sé. Foi sua paixão a liturgia eucarística, que demonstrava nas cerimônias bem cuidadas e no estudo desta matéria sacerdotal. Grande cultor também da história salesiana, recolheu documentos preciosos para uma história da Inspetoria. Ordenado e metódico, afável e carinhoso samaritano para com os doentes e feridos, atendia em sua Policlínica aos necessitados dos bairros mais pobres.

P. Vicente Donohoe

* Oswaldtwisle (Lancashire — Grã-Bretanha) 11-11-1910 † Dublin ((Irlanda) 3-4-1975 com 64 anos, 43 de profissão, 38 de sacerdócio.

Com suas constantes disponibilidade, afabilidade, cordialidade e simplicidade de trato, com sua bondade e generosidade de caráter, soube, como bom salesiano, conquistar a simpatia de todos os seus conhecidos. Dedicado ao ensino da música, teve sua atividade muito apreciada por muitos anos em diversas casas da Inglaterra. Seguindo mais tarde para a Irlanda prestou precioso serviço como contador na administração da Escola agrícola de Warrenstown. Abriu-lhe as portas da eternidade a doença incurável que o atormentou nos últimos anos.

P. Ruben Donoso

* San Rosário (Aconcagua — Chile) 1-1-1895, † Santiago (Chile) 8-11-1974 com 79 anos, 57 de profissão, 45 de sacerdócio.

Protagonista por mais de meio século da história do Colégio Dom Bosco de Iquique. Alegre, otimista, esportivo, dedicava-se totalmente à sua missão de educador salesiano, empenhado em fazer de seus alunos bons cristãos e honestos cidadãos. Amor a Deus e à Pátria, música, desfiles, esportes, confissões, alegria, eram os meios com que instalava no coração de seus alunos o amor e a fidelidade aos valores fundamentais da vida. Veneram-no centenas e centenas de ex-alunos como a um pai. A cidade de Iquique conferiu-lhe o título de cidadão honorário e reclamou seus restos mortais.

P. Carlos Dorñak

* Bylnica (Morávia — Tchecoslováquia) 19-1-1924, † Bahia Blanca (Argentina) 22-3-1975 com 51 anos, 33 de profissão, 23 de sacerdócio.

Distinguiu-se como mestre de canto gregoriano, organista e diretor de coral. Com o "Coro de Câmara Bahia Blanca", por ele fundado e dirigido até à morte, deu concertos em diversas cidades da Argentina. Teve a característica de um profundo espírito sacerdotal manifesto na fidelidade à Liturgia das Horas e no cuidado do decoro das funções sacras, como expressão do dístico de sua ordenação: "Dómine, dilexi decorem domus tuae". Homem íntegro, sincero, fidelíssimo na amizade. Praticava seriamente a pobreza religiosa, pessoalmente e no

cargo de exato e eficiente administrador do Instituto e da Comunidade. Morreu, vítima inocente, em um atentado terrorista.

P. Henrique Ferreira

* São Salvador de Lavia (Braga — Portugal) 30-3-1881, † Watsonville (Califórnia, USA), 15-3-1975 com 93 anos, 76 de profissão, 69 de sacerdócio.

Ainda clérigo havia cuidado da edição do Boletim Salesiano em língua portuguesa e sido um dos secretários do Bem-aventurado P Rua. Trabalhou depois 45 anos em Oackland, entre os imigrantes italianos e portugueses. Muito apegado à sua vocação, trabalhou sempre de acordo com o espírito de nosso Fundador, usando seus belos dotes de inteligência e de coração.

P. João Fioroni

* Villa Colón (Uruguai) 31-1-1904, † Montevidéu (Uruguai) 14-3-1975 com 71 anos, 55 de profissão, 47 de sacerdócio.

Voltando à pátria após quase 40 anos de serviços nas Antilhas, apresentou-se ao Inspetor declarando-se disposto a qualquer trabalho mesmo se muito difícil. Tinha empregado sua vida com mentalidade aberta e estilo salesiano entre os jovens. Sua oratória elegante e fluida esteve sempre a serviço da Palavra de Deus. Sofreu muito ao ter que abandonar Havana, onde tinha seu belo oratório festivo e onde havia erigido um templo de Maria Auxiliadora. Sempre espargiu em seu derredor o seu dom de alegria e bom humor.

Coad. Antônio Gonçalves

* Moredo, Bragança (Portugal) 7-5-1910, † Bragança (Portugal) 23-4-1975 com 64 anos, 37 de profissão.

Modelar salesiano coadjutor, brilhou por sua piedade, por seu trabalho, espírito de sacrifício, amor a Dom Bosco e à juventude. Sua piedade, autêntica, era alimentada pela Eucaristia e devoção a Nossa Senhora: ao pé do tabernáculo adquiria a força para superar as provas e sofrimentos, sobretudo nos últimos tempos. Sofria ao ver esfriar nas novas gerações o interesse para conhecer e amar a Dom Bosco, cuja biografia ela lia seguidamente. Seu amor aos jovens levou-o a oferecer ao Senhor sua vida a fim de que não fosse fechada a casa de Vendas Novas. O Senhor aceitou esta oferta feita com tanto amor e heroísmo.

P. Estanislau Jurecka

* Lipnik nad Becvou (Morávia — Tchecoslováquia) 4-2-1909, † Olomouc (Tchecoslováquia) 9-4-1975 com 66 anos, 42 de profissão, 37 de sacerdócio.

Ordenou-se de sacerdote em Lubiana (Iugoslávia) aos 3.7.1938. Consagrou nos anos 1938-1950 a própria vida e seus dotes à juventude nos Institutos da Obra de S. João Bosco na própria pátria. Nos últimos 10 anos serviu o Povo de Deus em Olomouc, primeiro como vice-pároco e desde 1968 como pároco.

P. Francisco Kmetic

* Log de Bostanj (Eslovênia — Iugoslávia) 13-9-1890, † Bostanj 16-1-1975 com 84 anos, 62 de profissão, 53 de sacerdócio.

Embora de saúde muito precária, alcançou adiantada idade com auto-disciplina férrea e horário metódico. Isto permitiu-lhe desincumbir-se de sua delicada missão de diretor espiritual e confessor de inteiras gerações salesianas. Foi verdadeiro educador e formador de consciências na linha mais autêntica de Dom Bosco e São Francisco de Sales. Encerrou-se com ele o período de uma tradição que se poderia definir de "à moda antiga".

P. Spártaco Mannucci

* Chianciano (Siena — Itália) 15-4-1901, † Ravena (Itália) 4-3-1975 com 73 anos, 53 de profissão, 48 de sacerdócio. Diretor 15 anos.

Diretor e Pároco nas casas de San Marino e Ravena, soube colocar à disposição dos jovens — e durante a guerra, dos fugitivos — todas as suas energias. Caráter forte e ao mesmo tempo humilde e muito amável, sereno, otimista, cheio de atenções e respeito, trabalhador de tempo integral, aberto aos novos horizontes, conselheiro prudente e procurado, a todos encorajava, a irmãos e fiéis, com um amável sorriso.

Coad. Miguel Martínez

* Val — La Merca (Orense — Espanha) 20-1-1892, † Orense (Espanha) 30-11-1974 com 82 anos, 48 de profissão.

Passou toda sua vida salesiana na casa de Orense. Sempre assíduo ao trabalho duro e sacrificado da horta e do estábulo, trabalho que abandonou só por obediência quando lhe vieram a faltar as forças físicas. A piedade, que era o motor de sua vida, tornou-se então sua

principal ocupação. Passava horas e horas diante da Eucaristia e contemplando a imagem de Nossa Senhora. Se não foi um apóstolo da palavra, a eloqüência de sua oração e do seu exemplo foi mais eficaz do que muitas palavras.

P. Walter Montaldo

* Salto (Uruguai) 7-9-1896, † Montevidéu (Uruguai) 27-12-1974 com 78 anos, 60 de profissão, 52 de sacerdócio.

Religioso e sacerdote ponderado, de sólida ortodoxia, foi na vida particular de uma austeridade monástica, unida a uma incansável atividade. Entendido em física e química, foi excelente mestre e também apreciado dirigente de banda de música e apóstolo do oratório festivo. Como pároco substituto permaneceu 25 anos em Lascano, onde, com grandes sacrifícios, obteve que as F.M.A. fundassem uma casa em sua paróquia para as meninas. Nos últimos anos foi o colaborador eficiente e de confiança de Dom Nuti, bispo de Canelones, o qual no discurso de adeus o definiu como "o amigo fiel".

P. Duílio Pini

* Florença (Itália) 12-6-1913, † La Spezia (Itália) 11-4-1974 com 60 anos, 40 de profissão, 30 de sacerdócio.

Viveu sua vocação salesiana e sacerdotal com zelo, generoso nas obrigações de seu apostolado no meio da juventude. Foi mestre muito preciso na programação, de uma didática simples e clara, que o tornava estimado. Acompanhava com muitas atenções seus Ex-alunos, que sempre reconheceram seu valor como educador e mestre.

Coad. Jorge Richards

* Nuñoa (Santiago — Chile) 12-12-1915, † Talca (Chile) 14-7-1974 com 58 anos, 37 de profissão.

Dedicou toda sua vida salesiana como mestre das aulas elementares em vários institutos da Inspetoria. Com seu belo caráter e a serenidade pessoal, atraía a simpatia dos alunos e dos irmãos. A diminuição de sua atividade nos últimos anos foi o sinal de seu próximo fim. Vítima de um colapso cardíaco, cercado pelo afeto dos irmãos, passou à Casa do Pai com a serenidade que o acompanhara toda sua vida.

P. Estêvão Rivas

* Liaño (Santander — Espanha) 21-3-1922, † Santurce (Porto Rico) 27-2-1974 com 51 anos, 30 de profissão, 22 de sacerdócio. Diretor 15 anos.

Foram-lhe confiados "munus" de responsabilidade, quer em sua Inspetoria de origem, quer nas Antilhas. Distinguiu-se como homem culto, delicado, trabalhador, e como sacerdote apostólico. Trabalhou muito pelas vocações. Como diretor ocupou-se da formação humana e espiritual dos aspirantes; estava sempre no meio deles. Valiosa sua atuação como capelão de irmãs e animador de grupos de líderes católicos, aos quais ministrava cursos de Bíblia. Fez-se querer em todo lugar porque queria bem com amor apostólico.

P. Adolfo Röhl

* Bottrop (Alemanha) 10-2-1905, † Colônia (Alemanha) 17-2-1975 com 70 anos, 45 de profissão, 36 de sacerdócio.

Logo após o noviciado partiu como missionário para o Brasil. Depois de uns anos como professor, dirigiu-se para servir entre as tribos do Amazonas, e para seus índios construiu um hospital e algumas capelas. Suportou com abnegação toda espécie de aborrecimentos e sacrifícios para a expansão do Reino de Deus. Voltando à pátria a fim de visitar sua mamãe gravemente enferma, foi ele também atacado por uma doença que lhe impediu a volta, tão desejada, à sua querida missão.

P. Roque Rubino

* Triggiano (Bári — Itália) 12-3-1910, † Bári 9-2-1975 com 64 anos, 46 de profissão, 38 de sacerdócio.

Várias casas da Inspetoria Romana, onde exerceu com entusiasmo e competência sua missão de mestre, pregador e confessor, conservam viva memória do seu apaixonado trabalho salesiano, de modo especial durante os tristes anos da guerra. Conservava as listas de todos os seus alunos e com eles manteve sempre correspondência epistolar em afetuosa amizade até o fim da vida. Por longos anos sofreu perturbações na vista; depois, a completa cegueira limitou suas atividades ao ministério das confissões. Passando para a Inspetoria Meridional, ofereceu generosamente a diversas de nossas casas e a comunidades de Irmãs o seu serviço no confessionário. No dia de seu falecimento, havia-se transportado à sacristia, aguardando com impaciência que lhe fosse dada a Comunhão. Recebeu-a, apoiou a cabeça ao bastão e expirou.

Coad. Tarcísio Sona

* Ghotibera Vill., Norogpur (Orissa — índia) 14-8-1922, † Krishnagar (índia) 6-6-1974 com 51 anos, 31 de profissão.

Os 31 anos que ele viveu no serviço de Deus e do próximo dão testemunho de seu profundo apego à vocação. As Memórias Biográficas de São João Bosco eram-lhe objeto de freqüente estudo e de profunda meditação. A observação escrupulosa das Constituições era a expressão efetiva deste seu amor por nosso Fundador. Entre os jovens era sempre o animador de bondade, um promotor de vocações e de apostolado missionário.

Coad. Simão Sossau

* Günching (Alemanha) 13-10-1898, † Helenenberg Trier (Alemanha) 28-1-1975 com 76 anos, 48 de profissão.

Por mais de 40 anos dedicou-se a cuidar do gado em nossa casa agrícola de Helenenberg, com muita capacidade e eficiência. Achou conforto e consolação para seus momentos difíceis em seu profundo e simples espírito de oração, de modo especial na reza do rosário. Os irmãos conservarão boa memória de suas virtudes mais características: exemplar disponibilidade, bondade de coração e humilde modéstia.

P. Eduardo Staszewski

* Opalenca (Polônia) 19-9-1909, † Worów (Polônia) 5-2-1975 com 65 anos, 45 de profissão, 34 de sacerdócio. Diretor por 12 anos.

Sacerdote zeloso e cheio de fervor, foi mestre de noviços em Kopiec por 11 anos. Dotado de bela inclinação para a música e o canto, serviu-se destes dons para animar as funções litúrgicas durante os 15 anos que foi pároco em Marszaki. Quando diretor em Kielce ajudava com grande caridade seu amigo pároco em Worów. Um ataque cardíaco feriu-o durante a noite; os irmãos encontraram-no morto na manhã seguinte.

P. Francisco Szymanik

* Stanislowice (Polônia) 31-5-1915, † Szcyek (Polônia) 17-2-1975 com 59 anos, 36 de profissão, 30 de sacerdócio.

Dotado de muito senso prático, foi por 14 anos administrador em várias casas: Kielce, Marszalki, Oswiecim. Por mais de 10 anos prodi-

galizou-se com muito zelo qual capelão do hospital. Desde 1971 permaneceu em nossa casa de montanha, enquanto a enfermidade tomava conta, pouco a pouco, de seu organismo. Nem mesmo uma intervenção cirúrgica pôde vencê-la.

P. Antônio Tavarozzi

* Assunção (Paraguai) 10-1-1886, † Ypacaraí (Paraguai) 27-12-1974 com 88 anos, 72 de profissão, 60 de sacerdócio. Diretor 15 anos.

Sua longa vida foi de serviço em postos de responsabilidade e no ministério sacerdotal. Humilde e prudente, sereno e sagaz homem de conselho, soube ajudar tantos salesianos na sua realização pessoal e religiosa. Não se preocupou muito em pregar a pobreza religiosa, que ele praticou de modo realmente evangélico. Nutria sua espiritualidade com a piedade simples que aproxima de Deus. Verdadeiro filho de Dom Bosco foi promotor sincero da devoção ao Pai e Fundador. Viveu seu último ano sobre a cruz de grave enfermidade, ensinando-nos a dizer "assim seja" à santa vontade de Deus.

P. Luís Torreño

* Madrid (Espanha) 12-10-1919, † Logroño (Espanha) 13-4-1975 com 55 anos, 34 de profissão, 25 de sacerdócio. Diretor 11 anos.

Nascido em uma família profundamente cristã que o apoiou bastante a vencer as dificuldades encontradas no caminho de sua vocação, doou-se generosamente ao atendimento dos jovens. Excelente salesiano, observante, obediente, todo consagrado ao bem, não se continha a calar-se diante do que via contrastando o Regulamento. Sempre atento e disposto a qualquer trabalho para quem dele precisasse, doava-se com alegria salesiana.

P. Rosário Tropea

* Giarro (Catânia — Itália) 8-7-1882, † Bári (Itália) 28-2-1975 com 92 anos, 72 de profissão, 64 de sacerdócio. Diretor 6 anos.

Podemos defini-lo com as palavras do Reitor-Mor: "venerando exemplo de trabalhador". Com os seus 92 anos de idade era uma relíquia viva, que nos unia diretamente aos primeiros anos da Congregação. Encontrava-se na igreja desde as primeiras horas da manhã, em seu posto no confessionário sempre muito concorrido. Era confessor apreciado e procurado por muitos sacerdotes, religiosos e seculares. Preparava jovens e adultos para a primeira Comunhão. Cui-

dava carinhosamente dos doentes. P. Tropea brilhou de bondade e de simplicidade nesta terra, e agora brilha no céu junto de Dom Bosco que ele tanto amou.

P. Jorge Viegas

* Shagpur (Província Central — Índia) 3-12-1897, † Bombaim (Índia) 18-2-1975 com 77 anos, 39 de profissão.

Ingressou na Congregação já em idade madura, 38 anos, mas soube adaptar-se logo auxiliado por seu caráter jovial, por seu espírito de profunda piedade e amor ao trabalho. Desde a idade de 14 anos, quando trabalhou como telegrafista, foi sempre imbuído de esforço e responsabilidade, e como salesiano depois, santificando suas ocupações. Há quatro meses, ao sair da igreja, escorregou e fraturou o fêmur. Este e outros achaques trouxeram-lhe um doloroso calvário, que o levou santificado ao Paraíso.

P. João Wodowski (Kot)

* Wodowice (Polônia) 2-4-1914, † Czestochova (Polônia) 8-4-1975 com 61 anos, 38 de profissão, 29 de sacerdócio.

Logo após o noviciado seguiu para a Inspetoria do Oriente Médio, onde se preparou para o sacerdócio, trabalhando em várias casas e nações. Em 1966 voltou à Polônia. Em toda parte foi zeloso, com fervor, entusiasmo, alegria até o fim. Este seu trabalho sacerdotal, soube-o realizar com humildade, deixando um exemplo digno de um verdadeiro filho de Dom Bosco.

Coad. José Wrónski

* Przemiarow (Varsóvia — Polônia) 7-11-1905, † Santiago (Chile) 5-9-1974, com 68 anos, 38 de profissão.

Entrou para a Congregação com 30 anos de idade, mas conservou sempre uma alma transparente de menino. Era sua alegria estar sempre com os alunos, não só nas aulas, mas especialmente nos recreios, para continuar sua missão educativa. Passou sua vida salesiana na longínqua província de Magalhães. Quando lhe faltaram as forças, os superiores o enviaram a Santiago. Como bom filho de Dom Bosco soube aproveitar aqueles poucos meses de repouso, empregando bem seu tempo na jardinagem com muita habilidade, até que uma hemorragia cerebral o transportou definitivamente ao jardim salesiano do Céu.

Coad. Eugênio Yañez

* San Martin de Grove (Pontevedra — Espanha) 26-4-1890, † Gerona (Espanha) 30-12-1973 com 83 anos, 58 de profissão.

Órfão em tenra idade e sem poder realizar sua aspiração de ser sacerdote, encontrou na comunidade um clima de compreensão e afeto que o acompanhou por toda a vida. Empregou sua atividade como mestre em Gerona, muito dedicado aos jovens mais difíceis e atrasados, foi assistente modelar e sacrificado. Salesiano piedoso, humilde, pobre, pontual nos atos de comunidade. Demonstrava sua fidelidade a Dom Bosco com exata prática das Constituições e um grande amor às coisas salesianas. Teve um cuidado especial para com os Cooperadores e Ex-Alunos.

P. Ernesto Zanon

* San Vito al Tagliamento (Údine — Itália) 23-8-1905, † Calcutá (Índia) 25-4-1975 com 69 anos, 48 de profissão, 41 de sacerdócio. Diretor 12 anos.

Missionário, antes no Assam, depois em Nova Delhi, e finalmente pároco da igreja de São João Bosco em Calcutá. Incansável no trabalho, calmo, silencioso, passou os primeiros 30 anos de seu sacerdócio no vale do Brahmaputra e nas colinas Garo, onde existem hoje numerosas e fervorosas comunidades de cristãos. Aceitou a vida dura de pioneiro, com naturalidade e até prazer. Um completo esquecer-se de si mesmo e uma total dedicação às almas foram o pão cotidiano dos seus 50 anos vividos na Índia. De muita robustez física, jamais esteve adoentado: o trabalho era para ele fonte de saúde: dedicou-a integralmente aos milhares de almas que ele aproximou, amou e levou a Cristo.

P. Mário Zanotto

* Gabiano (Alexandria — Itália) 1-5-1903, † Saluzzo (Cúneo — Itália) 16-3-1975 com 71 anos, 52 de profissão, 45 de sacerdócio. Diretor 15 anos.

Com exceção de poucos anos em Turim e em Cúneo, passou sua vida sacerdotal na casa de Saluzzo, também como diretor e primeiro pároco. Animador autêntico e incansável do Oratório festivo, prodigalizou aos jovens, por gerações e gerações, as riquezas do seu coração e da sua mente. No estilo tipicamente salesiano, foi sequaz do exemplo de alguns grandes salesianos, na escola dos quais — ele mesmo dizia — havia crescido. Como pároco viveu o seu sacerdócio na doação total "padre de convicção e de zelo em toda parte". E como tal foi estimado e querido por todos, e por todos é lembrado.

1

48 P. CAMARDA Vitantonio † Cisternino (Itália) 5.4.1975 com 57 anos.

49 P. MANNUCCI Spártaco † Ravena (Itália) 4.3.1975 com 73 anos.

50 P. PINI Duílio † La Spezia (Itália) 11.4.1974 com 60 anos.

51 P. RUBINO Roque † Bári (Itália) 9.2.1975 com 64 anos.

52 P. TROPEA Rosário † Bári (Itália) 28.2.1975 com 92 anos.

53 P. ZANOTTO Mário † Saluzzo (Itália) 16.3.1975 com 71 anos.

2

54 P. RÖHL Adolfo † Colônia (Alemanha) 17.2.1975 com 70 anos.

55 Coad. SOSSAU Simão † Helenenberg Trier 28.1.1975 com 76 anos.

3

56 Coad. BELMONTE Bernardo † Mataró (Espanha) 11.2.1975 com 71 anos.

57 Coad. GONÇALVES Antônio † Bragança (Portugal) 24.4.1975 com 64 anos.

58 Coad. MARTÍNEZ Miguel † Orense (Espanha) 30.11.1974 com 82 anos.

59 P. TORREÑO Luís † Logroño (Espanha) 13.4.1975 com 55 anos.

60 Coad. YAÑEZ Eugênio † Gerona (Espanha) 30.12.1973 com 83 anos.

4

61 P. JURECKA Estanislau † Olomouc (Thecoslováquia) 9.4.1975 com 66 anos.

62 P. KMETIC Francisco † Bostanj (Iugoslávia) 16.1.1975 com 84 anos.

63 P. STASZEWSKI Eduardo † Worów (Polônia) 5.2.1975 com 65 anos.

64 P. SZYMANIK Francisco † Szczyrk (Polônia) 17.2.1975 com 59 anos.

65 P. WODOWSKI (KOT) João † Czestochova (Polônia) 8.4.1975 com 61 anos.

5

66 Diác. AVENDAÑO Félix † Guatemala C.A. 19.4.1975 com 28 anos.

67 P. CORREA Domingos † Assunção (Paraguai) 19.5.1974 com 78 anos.

68 P. DOLDAN Sabino † Montevidéu (Uruguai) 26.10.1974 com 64 anos.

69 P. DONOSO Rubens † Santiago (Chile) 8.11.1974 com 79 anos.

70 P. DORNAK Carlos † Bahia Blanca (Argentina) 22.3.1975 com 51 anos.

71 P. FIORONI João † Montevidéu (Uruguai) 14.3.1975 com 71 anos.

72 P. MONTALDO Walter † Montevidéu (Uruguai) 27.12.1974 com 78 anos.

73 Coad. RICHARDS Jorge † Talca (Chile) 14.7.1974 com 58 anos.

74 P. RIVAS Estêvão † Santurce (Porto Rico) 27.2.1974 com 51 anos.

75 P. TAVAROZZI Antônio † Ypacaraí (Paraguai) 27.12.1974 com 88 anos.

76 Coad. WRONSKI José † Santiago (Chile) 5.9.1974 com 68 anos.

6

77 P. DI CAIRANO Afonso † Ramsey (USA) 29.4.1974 com 60 anos.

78 P. DONOHOE Vicente † Dublin (Irlanda) 3.4.1975 com 64 anos.

79 P. FERREIRA Henrique † Watsonville (USA) 15.3.1975 com 93 anos.

7

80 Coad. SONA Tarcísio † Krishnagar (Índia) 6.6.1974 com 51 anos.

81 Coad. VIEGAS Jorge † Bombaim (Índia) 18.2.1975 com 77 anos.

82 P. ZANON Ernesto † Calcutá (Índia) 25.4.1975 com 69 anos.